

A LIAHONA



A LIAHONA



NA CAPA

Primeira capa: Fotografia de Marty Mayo;
Detalhe de Leí e Seu Povo Chegam ao Novo Mundo, de Clark Kelley Price.
Última capa: Detalhe de *Leí Prega em Jerusalém,* de Del Parson; *Fundo:* Pintura de Gary E. Smith.



CAPA DE O AMIGO

Íngrid adora usar fantasias e executar danças folclóricas Mexicanas. Ver "Íngrid Fabiola Martínez Barredo de Tuxtla Gutiérrez, México", página 2. (Fotografia de Marvin K. Gardner.)

SUMÁRIO

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A NECESSIDADE DE EQUILÍBRIO EM NOSSA VIDA PRESIDENTE JAMES E. FAUST
- 14 O MAIS IMPORTANTE ÉLDER DALLIN H. OAKS
- 25 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES
- 30 PALAVRAS DO PROFETA VIVO: REFLEXÕES E CONSELHOS DO PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY
- 32 O TESTEMUNHO DE CRISTO PRESTADO POR UMA FAMÍLIA KENT P. JACKSON
- 43 AUXÍLIOS PARA A NOITE FAMILIAR

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 8 VOZES DA IGREJA: EMPENHAR-SE PELA EXCELÊNCIA
- 23 MENSAGEM MÓRMON: NÃO FAÇA ISSO!
- 24 CULTIVAR A INTEGRIDADE TAMARA LEATHAM BAILEY
- 26 PERGUNTAS E RESPOSTAS: COMO POSSO AJUDAR UM AMIGO PROBLEMÁTICO E AO MESMO TEMPO SEGUIR OS CONSELHOS DE MEUS PAIS?
- 40 "NÃO ESTOU PREJUDICANDO NINGUÉM" COLLEEN WHITLEY
- 46 SÓ MAIS UM ROGER TERRY

O AMIGO

- 2 FAZENDO AMIGOS: ÍNGRID FABIOLA MARTÍNEZ BARREDO DE TUXTLA GUTIÉRREZ, MÉXICO MARVIN K. GARDNER
- 5 SÓ PARA DIVERTIR: O LABIRINTO DA ÁRVORE DA VIDA ROBERT J. LYSTRUP
- 6 O CARTÃO DO TEMPO ROMY BAZALAR COTERA
- 8 TEMPO DE COMPARTILHAR: UMA PROMESSA SAGRADA ANN JAMISON
- 10 FICÇÃO: A PROMESSA DE MARCUS ALMA J. YATES
- 14 HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: TODOS OS PROFETAS VIVIAN PAULSEN
- 16 LEIA O LIVRO DE MÓRMON

VER PÁGINA 32



VER PÁGINA 14



VER PÁGINA 2



VER O AMIGO
PÁGINA 6



VER PÁGINA 30

COMENTÁRIOS



A LIAHONA AJUDA OS MESTRES FAMILIARES

Senti-me muito grata ao ver a fotografia na capa da edição de setembro de 1998. Com a *Liahona* (espanhol) nas mãos, fui até onde meu marido estava e mostrei-lhe a revista. "O que você está vendo nesta foto?", perguntei.

Ele olhou a fotografia e disse: "Um homem consertando uma pia". "Olhe mais de perto", pedi eu. Ele percebeu, então, de que se tratava dos mestres familiares fazendo uma visita, e eles haviam chegado exatamente na hora de ajudar uma irmã.

Gostaria que soubessem que esse número da revista ajudou muito meu marido. Ele é o presidente do quórum de élderes de nossa ala. Ao ver a capa da revista, pegou uma folha de papel e começou a escrever o que precisava fazer para dar novas designações a suas duplas de mestres familiares. Vi também meu marido reunir-se com seus conselheiros para planejar visitas. O mais importante de tudo isso foi que ele arranhou tempo para cumprir seu próprio chamado como mestre familiar.

Sei que o Pai Celestial vive, e a *Liahona* é uma das maneiras pelas quais ficamos sabendo o que precisamos fazer.

*Patricia Arias de Moreno,
Ala Vista Alegre,
Estaca Lima Peru Surco*

Argentina. Toda a minha família é membro da Igreja e gosta de ler a *Liahona* (espanhol). Não é fácil ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias onde moramos, mas as mensagens da revista ajudam-nos a permanecer fiéis ao evangelho. A *Liahona* é uma bênção em nossa vida. Agradecemos por vocês tornarem possível para nós lermos as palavras dos profetas vivos.

*Diana de Vidal,
Ramo Realico,
Estaca Santa Rosa Argentina*



REVISTA FORTALECE E TRAZ ALEGRIA

Todos os meses, mal posso esperar o próximo número da revista em francês. A edição de dezembro de 1998 foi particularmente inspiradora. A revista dá-me a força de que preciso. Conheci a Igreja quando tinha 56 anos e, apesar de ter enfrentado algumas dificuldades após minha conversão, encontrei tanto amor que, hoje, acho que sei o quanto o Pai Celestial nos ama. Estou preparando-me para ir ao templo em Zollikofen e gostaria de agradecer pela revista maravilhosa que me traz tanta alegria.

*Simone Czapllicki,
Ramo Fribourg,
Estaca Genebra Suíça*

MENSAGENS QUE NOS AJUDAM A PERMANECER FIÉIS

Pertencço a um pequeno ramo numa cidadezinha na província de La Pampa,



A Necessidade de Equilíbrio em Nossa Vida

Presidente James E. Faust

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Muitas pessoas atualmente se preocupam com apenas uma coisa, julgando os méritos dos candidatos políticos e das causas com base num único interesse. Na Igreja, algumas pessoas se preocupam apenas com um princípio ou aspecto do evangelho acima de todos os outros.

O sábio Jó declarou: “Pese-me em balanças fiéis, e saberá Deus a minha sinceridade”. (Jó 31:6) Ao empregarmos uma balança fiel, também seremos julgados, pois com a mesma medida com que medirmos seremos também medidos.

O Salvador ensinou:

“Não julgueis [injustamente], para que não sejais julgados.

Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.” (Mateus 7:1–2; ver também Tradução de Joseph Smith de Mateus 7:1–2.)

Nos últimos anos, temos visto pessoas que parecem ter passado a vida toda protestando. Talvez tenham feito isso por se sentirem reprimidas ou



Ao empregarmos uma balança fiel, também seremos julgados, pois com a mesma medida com que medirmos seremos também medidos. O Salvador ensinou: “Não julgueis [injustamente], para que não sejais julgados”.

desejarem efetuar uma mudança ou por motivos egoístas, imaginando poder receber alguma atenção ou recompensa destruindo um aspecto da sociedade. Algumas dessas pessoas disseram ter feito isso para serem livres: livres das tradições, das restrições morais, dos padrões repressores da sociedade, da interferência do governo ou da lei. Alguns mostraram-se desenfreadamente hedonistas. Conforme Harry Emerson Fosdick (1878–1969) observou, eles possuem “hábitos que os escravizam, doenças que os amaldiçoam e más reputações que os arruinam”.

Aqueles que sucumbiram a essa tragédia pessoal frequentemente descobrem que sua vida se tornou um tanto desequilibrada e irregular. Muitas pessoas desperdiçam sua preciosa energia protestando contra as regras. Como não foram eles que as criaram, sentem que não deveriam ser restritos por elas. Outros se divertem testando os limites para verem o que conseguem fazer sem serem apanhados. Alguns acham que ao quebrarem as regras, de certa forma se tornam mais fortes ou independentes. Aqueles que combatem as regras gastam muito tempo e energia tentando expressar sua independência em sua busca da identidade, mas depois de viajarem muito tempo por essa estrada, descobrem que ela conduz à escravidão e não à liberdade.

Os talentos, os dons de expressão e o seu precioso tempo são exauridos ao nadarem contra a corrente. Não hesito em dizer que nossos jovens aprendem a se expressar melhor por meio da excelência na sala de aula ou no campo de jogos do que participando de uma gangue ou por meio de comportamento imoral. As jovens terão mais personalidade e serão mais notadas por meio da excelência acadêmica e da expressão artística do que pela falta de recato no vestir.

Há momentos em que temos de mostrar mais determinação em defender o que desejamos preservar ou mudar a fim de mantermos nosso auto-respeito e não sermos “uma cana agitada pelo vento”. (Mateus 11:7) Precisamos assumir nosso papel na defesa das questões morais e não nos ater a questões insignificantes, parecendo excêntricos, desequilibrados ou imaturos. Perdemos muita credibilidade e força e nos arriscamos a ser pesados

em uma balança desregulada quando, tal como Dom Quixote, saímos a combater moinhos de vento.

Todos podemos receber bênçãos transcendentais ao fazermos a escolha moral correta. É muito mais fácil para aqueles que possuem uma balança fiel cederem “ao influxo do Santo Espírito”. (Mosias 3:19) Então poderemos deixar para trás os atributos do homem ou mulher natural e tornar-nos muito mais esclarecidos. Alma aconselhou seus irmãos a “não mais [lutar] contra o Espírito Santo”. (Alma 34:38) Os dons do Espírito Santo são uma força especial para aqueles que estudam e aprendem. “Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo”. (João 14:26) Sim, “o Espírito Santo será teu companheiro constante”. (D&C 121:46)

Como funcionam esses maravilhosos dons do Espírito Santo? O Élder Parley P. Pratt (1807–1857) do Quórum dos Doze Apóstolos declarou: “[Ele] ilumina a mente, aumenta, desenvolve, expande e purifica todas as paixões naturais e afeições e as harmoniza, pelo dom da sabedoria, para que sejam usadas adequadamente. (. . .) Inspira-nos virtude, bondade, brandura, ternura, gentileza e caridade. Desenvolve a beleza da personalidade, das formas e feições. (. . .) Desenvolve e revigora todas as aptidões físicas e intelectuais do homem. Fortalece e tonifica os nervos. Em resumo, é como se fosse medula para os ossos, alegria para o coração, luz para os olhos, música para os ouvidos e vida para todo o ser”. As pessoas que desfrutaram esses dons têm “luz no semblante” e sua presença é “um caloroso resplendor de pura alegria e compaixão”.¹

Uma parte importante da mensagem do evangelho é que não devemos ser demasiadamente rígidos: Devemos ter a mente aberta, desenvolver certa tolerância e não ser apressados em julgar as pessoas. Aprendi na época em que trabalhava como advogado que nem sempre conhecemos todos os fatos. Sempre parece haver pelo menos dois lados da questão. Nem tudo é simplesmente branco ou preto. O conselho do Salvador ao instruir os Doze foi: “Eis que vos envio como ovelhas ao meio dos lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas”. (Mateus 10:16)



Os jovens aprendem a se expressar melhor por meio da excelência na sala de aula ou no campo de jogos do que participando de uma quadrilha ou por meio de comportamento imoral.

Nem sempre é fácil conseguir o equilíbrio adequado. Além do que lemos nos jornais, podemos trazer bem para dentro de nossa casa, em cores, a maior parte dos problemas do mundo inteiro. Também temos nossos próprios altos e baixos e nossos problemas. As pressões da vida são reais e muito constantes.

Existe, no entanto, uma defesa contra a adversidade: O bom humor. Um pensador disse: "Certamente não existe melhor defesa contra os dissabores da vida que seja, no final das contas, tão eficaz quanto um habitual senso de humor".²

Por muitos anos, ao abençoar recém-nascidos, inclusive os meus, tenho-os abençoado com senso de humor, na esperança de que isso os ajude a não serem demasiadamente rígidos, a terem equilíbrio na vida e a não se deixarem abater pelos problemas, dificuldades e situações da vida.

Há muitos anos, em um tribunal de Utah, um caso de divórcio foi levado a julgamento. Um dos advogados que participavam do caso, indignado e inflamado, subiu ao banco das testemunhas para informar à corte que na noite anterior o marido e a mulher tinham-se reconciliado. Ele alegou que em virtude da reconciliação, seu adversário era uma pessoa sem princípios, injusta e anti-ética por ainda prosseguir com o julgamento.

O juiz virou-se para o outro advogado e perguntou-lhe se gostaria de ocupar o banco das testemunhas para



Pode ser muito útil cultivar o bom humor para ajudar-nos a encontrar nossa própria identidade. É importante que todos aprendamos a rir de nós mesmos. Nossos líderes demonstraram que podemos desfrutar tanto da fé quanto do bom humor.

refutar as acusações feitas contra seu caráter. O advogado que havia sido difamado era um homem sábio e experiente, e disse: “Oh, não, meritíssimo. Não vou subir ao banco das testemunhas. Ele é capaz de provar que todas aquelas acusações contra mim são verdadeiras”. Todos caíram na risada, desfez-se a tensão, e as coisas rapidamente entraram nos eixos.

Thomas Carlyle (1795–1881) declarou: “O verdadeiro bom humor não provém da mente, mas do coração; não se trata de desprezo, sua essência é o amor; não é

expresso no riso, mas no silente sorriso, que é algo muito mais profundo”.³ E Abraham Lincoln (1809–1865) disse certa vez: “Com toda a assombrosa pressão que sofro dia e noite, se eu não risse acabaria morrendo”.⁴

Pode ser muito útil cultivar o bom humor para ajudar-nos a encontrar nossa própria identidade. Os jovens que procuram saber quem realmente são freqüentemente têm dúvidas quanto à sua capacidade de enfrentar e superar os problemas que encontram e irão encontrar na vida. Eles descobrirão que será mais fácil transpor os obstáculos e rapidamente descobrirão quem são se cultivarem o bom humor com naturalidade. É importante que todos aprendamos a rir de nós mesmos.

Um aspecto importante no processo de aprendermos a rir de nós mesmos é não ter medo de cometer erros. Quando eu era bispo, tentamos organizar um coro da ala.

Tínhamos um bom líder, o irmão Anderson. Ele, porém, incentivou-me a cantar no coro. Senti que para apoiar o irmão Anderson e os outros, eu devia tentar cantar com eles, mas as coisas foram de mal a pior.

O irmão Anderson gostava de convidar os membros do coro a desenvolverem seus talentos cantando solos. Certo domingo, no ensaio do coro, ele pediu-me que cantasse um pequeno solo. Achei muito difícil recusar seu convite ali na frente de todo o coro, de modo que na reunião sacramental, durante o número do coro, tentei cantar o solo. Fiquei com tanto medo que o papel tremia na minha mão, a ponto de eu mal conseguir segurá-lo. Senti-me envergonhado e humilhado. Toda a minha máscara de dignidade desapareceu naquele momento.

Depois da reunião, quando descia do púlpito, fui acolhido com sorrisos calorosos e manifestações de carinho e apoio. Alguém disse: “Puxa, bispo, realmente nos fez bem vê-lo assim tão amedrontado”. Naquele dia, o bispo se tornou mais humano.

Nossos líderes demonstraram que podemos desfrutar tanto da fé quanto do bom humor. Foi dito a respeito do Presidente Heber C. Kimball (1801–1868) que ele orava e conversava com Deus “como um homem fala com outro”. (Abraão 3:11) No entanto, “em certa ocasião, enquanto proferia uma solene súplica em favor de um de seus semelhantes, ele surpreendeu o círculo de oração ao rir bem alto no meio de sua oração. Rapidamente recobrando a compostura e a reverência, ele desculpou-se, dizendo: ‘Senhor, orar por certas pessoas sempre me faz rir’”.⁵ Esse mesmo senso de humor também era uma característica de seu neto, o Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985).

Outro homem que tinha muito senso de humor e entusiasmo era o Élder LeGrand Richards (1886–1983) do Quórum dos Doze Apóstolos. Certo dia, um presidente de estaca foi conversar comigo em meu escritório. Ao sair, parou para falar com o Élder Richards, que visitaria sua estaca uma ou duas semanas depois. Ele perguntou: “Como está, irmão Richards?” E aquele grande Apóstolo respondeu: “Bem, presidente, vou dizer-lhe como estou. Meu corpo, a casa onde moro, está ficando velho e decrepito”. Então acrescentou, com todos os seus 95 anos de

vida como testemunho disso: “Mas o verdadeiro LeGrand Richards está a mil”.

Um bom senso de humor ajuda-nos a aprimorar nossos talentos. Um dos talentos que precisam ser enormemente ampliados é nossa sensibilidade em relação aos outros, e isso inclui estendermos a mão para outras pessoas e tocar-lhes o coração. Se aprendermos a não ter medo, poderemos estimular essa mesma sensibilidade e amor nos outros. Sob a influência do Espírito Santo, nossos talentos são amplamente magnificados.

O equilíbrio em grande parte consiste em saber quais são as coisas que podem ser mudadas, colocando-as em sua devida perspectiva, e reconhecer as que nunca mudarão. O equilíbrio também é uma questão de atitude. Que nossa atitude seja a de procurarmos o equilíbrio, a sabedoria e a compreensão em tudo o que fizermos. □

NOTAS

1. *Key to the Science of Theology* (1877), pp. 101–102.
2. Thomas Wentworth Storrow Higginson, citado em *The New Dictionary of Thoughts* (1961), p. 283.
3. Citado em Burton Stevenson, org., *The Home Book of Quotations* (1934), p. 938.
4. Citado em *The New Dictionary of Thoughts*, p. 283.
5. Orson F. Whitney, *The Life of Heber C. Kimball (A Vida de Heber C. Kimball)* (1992), p. 427.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. É muito importante para nosso bem-estar pessoal manter um equilíbrio justo em nossa vida.
2. É muito mais fácil para aqueles que possuem uma balança fiel cederem “ao influxo do Santo Espírito” (Mosias 3:19), que irá nos ajudar a manter o equilíbrio.
3. O equilíbrio em grande parte consiste em saber quais são as coisas que podem ser mudadas, colocando-as em sua devida perspectiva, e reconhecer as que nunca mudarão.
4. Será mais fácil transpormos os obstáculos da vida se cultivarmos o bom humor e aprendermos a rir de nós mesmos.
5. O equilíbrio é uma questão de atitude, que pode ser moldada por nossos desejos justos e pela oração ao Pai Celestial.

Empenhar-se pela Excelência

O Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Este é o grande dia de decisão para todos nós. Para muitos, é o momento de começar algo que terá continuidade por toda a sua vida. (...) Ergam-se até o nível de excelência espiritual, mental e física. Vocês podem fazê-lo. Talvez não sejam gênios. Talvez lhes faltem algumas habilidades. Mas existem muitos que podem fazer mais do que estão fazendo agora. Somos membros desta grande Igreja cuja influência está sendo sentida em todo o mundo. Somos pessoas com um presente e um futuro importantes. (...) Sejam excelentes”. (“A Busca da Excelência”, *A Liahona*, setembro de 1999, p. 6) A seguir há histórias de jovens que estão empenhando-se para alcançar a excelência em sua vida ao tentar seguir o exemplo do Salvador, Jesus Cristo, e viver Seu evangelho.



Olhar e Ver

Shane Wise, conforme narrado a Christie Giles

Ele não percebe que vai atrasar-nos para a visita à melhor família que já ensinamos? eu gritava interiormente ao pedalar por uma curva. Eu servia como missionário na Missão Taiwan Taipei e meu novo companheiro, o élder Loo, estava, como sempre, indo mais devagar do que eu.

Vi que ele estava conversando com uma mulher que com uma mão segurava uma vara e com a outra apertava o braço de um garotinho que chorava. Ouvi o élder Loo tentar convencê-la a não bater no menino. Ao partir, ela soltou a vara.

Quando finalmente chegamos a nosso destino, meu companheiro ensinou a família acerca do “primeiro e grande mandamento”, amar o Senhor. “E o segundo, semelhante a este, é:” leu ele, “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:38–39)

Fiquei atordoado. Embora eu já houvesse ensinado essa palestra diversas vezes, era como se estivesse ouvindo essa escritura pela primeira vez. *Eu teria ajudado aquele*

menino se não estivéssemos atrasados, racionalizei. Mas não consegui convencer a mim mesmo.

Após uma bela discussão sobre o sacrifício e o serviço, dirigimo-nos para nosso próximo compromisso. Mas antes de chegarmos muito longe, percebi que estava sozinho novamente. O élder Loo estava ajudando um homem bêbado que sofrera um acidente de motocicleta.

Ao atravessarmos lentamente o mercado lotado, meu companheiro parou mais uma vez. Vi quando ele se ajoelhou ao lado de uma criança que estava chorando e parecia perdida. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados e seu rosto estava banhado em lágrimas. Só fomos embora depois que o élder Loo achou pessoas que se comprometeram a localizar os pais do menino.

Segui em silêncio, pensando mil coisas ao mesmo tempo. *Por que eu não havia reparado aquela criança chorando? Ou o motociclista? Por que ele enxergava coisas que eu não conseguia?*





Foi então que me ocorreu algo. Ele via oportunidades para servir porque as procurava. Ele não andava com lentidão por estar apenas apreciando a paisagem; na verdade, estava procurando pessoas que precisassem de ajuda.

Fiquei a perguntar-me o que eu conseguiria ver se realmente olhasse.

Na manhã seguinte, não corri na frente de meu companheiro. Andamos lado a lado, olhando, ouvindo e prontos para servir.

Desde aquele momento, sempre que acho que ninguém necessita de minha ajuda, diminuo o passo e olho novamente. É impressionante o que consigo ver.

Um Programa de Estudo

Anna Albano

Quando eu tinha apenas cinco anos de idade, meu pai disse-me que estava impressionado com meus cadernos escolares. Ele disse-me que eu deveria aprender em todos os momentos livres de que dispusesse. Como ele faleceu pouco depois, essa foi a última vez que vi meu pai realmente feliz comigo. Conseqüentemente, sempre estudei por vontade própria, mas também por causa de meu pai.

Muitos anos depois, quando estava na universidade, estudei muito e gostei muito da experiência. Quando fui batizada no Ramo Nápoles Centro, Distrito Nápoles

Itália, minha alegria tornou-se completa. Eu achara a verdade que sempre buscara. Passava horas lendo o Livro de Mórmon, outras escrituras e a revista da Igreja em italiano, *Liahona*. Quanto mais eu estudava essas obras inspiradas, maior era meu desejo de aprender. Que alegria sentia ao estudar o evangelho! Eu adorava pôr os mandamentos em prática e fazer visitas como professora visitante e trabalhar com os missionários.

Contudo, à medida que aumentava minha atenção pelo aprendizado espiritual, comecei a negligenciar meus estudos universitários. Até cheguei a faltar a provas por não ter estudado o suficiente. Quando minha mãe não-membro inteira-se de meus novos hábitos, disse: "Chega dessa Igreja! Chega desses mórmons!"

Suas palavras atingiram-me em cheio. Minha conduta não era culpa da Igreja; eu era a única responsável. Senti-me envergonhada por dar um mau exemplo à minha mãe.

Eu sabia que meus estudos universitários eram importantes, mas não conseguia parar de estudar o que era tão delicioso para minha alma. O que eu poderia fazer? Busquei a Deus em oração. Por fim, depois de muitas orações, obtive a resposta.

Hoje, há duas pilhas de livros em minha escrivaninha. À direita, estão as escrituras e o exemplar do mês de *La Stella*; à esquerda, o material de estudo para meu próximo exame. Todos os dias, inicio e termino meu estudo com uma escritura. Estabeleci um horário rígido e, nos intervalos, presenteio-me com um artigo da revista ou um capítulo do Livro de Mórmon.

Com esta experiência, aprendi uma grandiosa lição.

Devemos desenvolver-nos em *todas* as coisas boas para podermos ser um exemplo positivo e servir às pessoas. O próprio Jesus "crescia (. . .) em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens". (Lucas 2:52)

Continuo meu programa de estudo, tentando sempre permanecer perto do Senhor e encontrar formas de servir a Ele em todas as minhas atividades, tanto espirituais como seculares.

Ser Aceita

Jennifer Parry

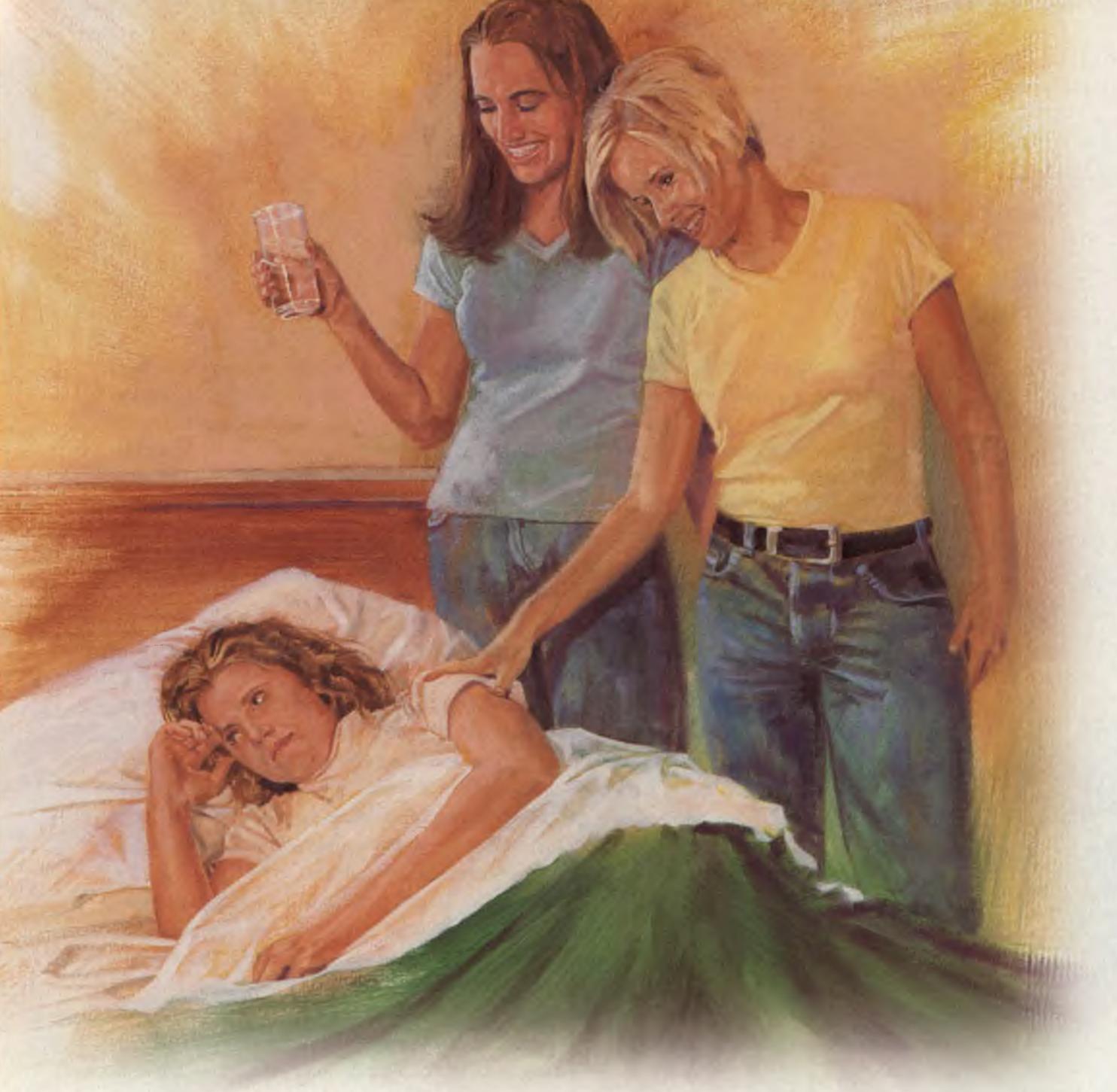
Quando estava no quarto do hotel pensando na competição esportiva de que participaria no dia seguinte, debati-me com todas as difíceis emoções que uma jovem de 16 anos pode ter. Sentia que estava correndo pior do que nos anos anteriores. Sentia-me feia. O fato de nunca ter namorado só aumentava meus sentimentos de insegurança. Eu queria muito ser aceita.

Eu fora para a cama mais cedo e minhas companheiras de equipe achavam que eu já estivesse dormindo. Ouvi-as rir e dizer, sacudindo meus ombros: "Aqui, Jenny. Tome um pouco de água". Pelo cheiro, tive certeza de que não era água.

Fiquei furiosa com essas "amigas" que estavam tentando fazer uma brincadeira de mau gosto. Elas achavam que eu era idiota? Tive medo de que elas quisessem forçar-me a tomar álcool. Tudo o que eu desejava era a segurança de minha família, mas isso parecia infantil para alguém da minha idade.

Mil perguntas passaram-me pela mente. *Se eu beber, vou ser aceita e tornar-me popular? Será que o álcool vai deixar-me mais bonita? Será que vou correr mais rápido ou mesmo vencer a corrida amanhã?*

Eu sabia as respostas dessas perguntas. Disse com firmeza: "Não, isso não é água e não vou beber". Embora aquelas duas meninas tenham me vencido na competição do dia seguinte, eu sabia que, aos olhos do Senhor, fora vitoriosa em uma corrida bem mais importante.



A viagem de ônibus de volta para casa pareceu-me interminável. Estava ansiosa para voltar para junto de minha família e contar a minha mãe o que acontecera.

Na noite seguinte, na hora do jantar, minha mãe deu-me um presente. Meus cinco irmãos ficaram observando-me abri-lo. Era para mostrar como minha família estava orgulhosa de minha decisão de viver a Palavra de Sabedoria.

Naquela noite, na mesa de jantar, minha família ajudou-me a sentir-me talentosa, atraente e aceita — uma aceitação que talvez eu nunca venha a encontrar na escola ou em qualquer equipe desportiva.

Preparar-se para as Tempestades da Vida

Anja Müller

No norte da Alemanha, onde moro, as nevascas estavam demorando a chegar naquele ano. Assim, nem prestei atenção à previsão do tempo no rádio naquela manhã, que mencionava a possibilidade de neve. *Se por acaso a temperatura mudar, pensei, já vou estar em casa.* Saí de casa e peguei o ônibus, sem levar nenhum casaco.

Quando acabaram as aulas, estava nevando muito, e depois que desci do ônibus, tive de seguir ainda um bom trecho de bicicleta. Fiquei com raiva de mim mesma por

ter ignorado a previsão meteorológica.

O cortante vento oriental soprava contra minha pele, e pequenos flocos de neve açoitavam-me o rosto como se fossem mil alfinetes. Um calafrio gelado percorreu-me o corpo. A volta para casa foi não apenas difícil, mas dolorosa.

Quando finalmente cheguei à casa, troquei de roupa e fiquei observando a nevasca do conforto de meu quarto. Ocorreu-me que podemos comparar esta vida com a experiência que tive naquele dia.

Sabemos que às vezes nossa fé e obediência serão postas à prova na vida. Contudo, por vezes ignoramos os

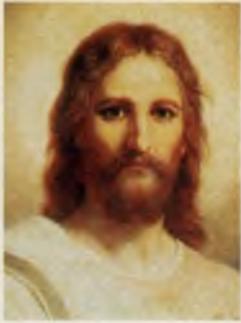
sinais de advertência e não nos preparamos o suficiente para resistir às tentações. Sei por experiência própria que podemos encontrar-nos em situações difíceis mais rápido do que gostaríamos. A preparação espiritual pode ajudar-nos a saber o que nosso Pai Celestial deseja para nós, e a preparação torna possível que nosso espírito governe o corpo quando formos tentados. Preparar-se é muito melhor do que passar pelas dores do pecado.

Cada um de nós deve preparar-se para as tempestades da vida, que certamente virão, mesmo quando não as virmos no horizonte imediato. □





0 Mais



A DIVERSIDADE E A ESCOLHA NÃO SÃO OS ASPECTOS PRIMORDIAIS DA LEI. O QUE É MAIS IMPORTANTE E NOS AJUDA A ALCANÇAR NOSSA META DA VIDA ETERNA É O AMOR A DEUS, A OBEDIÊNCIA A SEUS MANDAMENTOS E A UNIDADE NA REALIZAÇÃO DA OBRA DE SUA IGREJA.

Importante

Élder Dallin H. Oaks

Quórum dos Doze Apóstolos

O livro de Mateus contém a repreensão do Salvador aos escribas e fariseus: “Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o *mais importante* da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas”. (Mateus 23:23; grifo do autor)

Gostaria de abordar alguns assuntos importantes que podemos negligenciar caso voltemos nossa atenção exclusivamente a questões de menor relevância. Esses temas sobre os quais vou versar são qualidades como a fé e o amor a Deus e a Sua obra, que nos conduzirão em um curso firme rumo a nossas metas eternas.

Ao falar sobre assuntos importantes, vou procurar contrastar nossas metas eternas mais elevadas com os métodos mortais ou objetivos imediatos que usamos para alcançá-las. O apóstolo Paulo descreveu a diferença entre a perspectiva terrena e a eterna nas seguintes palavras: “Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas”. (II Coríntios 4:18)

Se nos concentrarmos demais em nossos métodos ou objetivos terrenos óbvios, poderemos perder de vista nossas metas eternas, às quais o apóstolo Paulo se referiu

como “coisas (. . .) que se não vêem”. Se agirmos assim, poderemos esquecer para onde devemos dirigir-nos e, em termos espirituais, não chegar a lugar algum. Não melhoramos nossa posição na eternidade somente voando mais longe e mais rápido na mortalidade, mas somente deslocando-nos sabiamente na direção correta. Conforme o Senhor nos disse em revelações modernas, “Aquilo que o Espírito vos testificar (. . .) [faça] em toda santidade de coração, andando retamente perante mim, *refletindo sobre o resultado de vossa salvação*”. (D&C 46:7; grifo do autor)

Não devemos confundir meios com fins. O veículo não é o destino final. Se perdermos de vista nossas metas eternas, poderemos ser levados a achar que a coisa mais importante é a nossa velocidade de deslocamento e que qualquer caminho vai conduzir-nos ao local que desejamos. O apóstolo Paulo descreveu essa atitude como “[ter] zelo de Deus, mas não com entendimento”. (Romanos 10:2) O zelo é um meio, não uma meta. O zelo, até mesmo por Deus, precisa ser acompanhado de “entendimento” de Seus mandamentos e de Seu plano para Seus filhos. Em outras palavras, o mais importante da meta eterna não deve ser substituído pelo método mortal, por mais excelente que seja.

Até o momento, ative-me a aspectos gerais. Agora darei três exemplos.

FAMÍLIA

Todos os santos dos últimos dias compreendem que ter uma família eterna é uma meta eterna. A exaltação é um assunto familiar e não pode ser alcançada fora do convênio eterno do casamento, que possibilita a continuação dos gloriosos relacionamentos familiares. Mas isso não significa que tudo o que disser respeito às famílias mortais seja uma meta eterna. Há muitos objetivos a curto prazo relacionados à família (como aumentar a união, a solidariedade ou o amor no lar) que constituem métodos, não as metas eternas que buscamos acima de todas as outras. Por exemplo, a solidariedade

familiar que enseje uma iniciativa ruim obviamente não representa virtude alguma. Tampouco a solidariedade familiar deve ser utilizada para ocultar e perpetuar alguma prática nociva, como os maus-tratos.

O propósito das famílias mortais é trazer filhos ao mundo, ensiná-los o que é certo e preparar todos os membros da família para a exaltação em relacionamentos familiares eternos. O plano do evangelho inclui o tipo de governo, disciplina, solidariedade e amor familiar que se harmonizam com essas metas mais elevadas. Contudo, até mesmo o amor dos membros da família deve sujeitar-se ao primeiro e grande mandamento, que é amar a Deus (ver Mateus 22:37–38), e à orientação do Salvador: “Se me amais, guardai os meus mandamentos”. (João 14:15)

Como Jesus ensinou: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim”. (Mateus 10:37)



A exaltação é um assunto familiar e não pode ser alcançada fora do convênio eterno do casamento, que possibilita a continuação dos gloriosos relacionamentos familiares.

ESCOLHA OU ARBÍTRIO

Meu próximo exemplo nesta mensagem sobre assuntos de grande importância tem a ver com o papel da escolha ou arbítrio.

Poucos conceitos têm o poder de iludir-nos tão facilmente quanto a idéia de que a liberdade de escolha, ou o livre-arbítrio, é uma meta final. Para os santos dos últimos dias, essa possível confusão deve-se em parte ao fato de que o arbítrio moral — o direito de escolher — é um aspecto fundamental da mortalidade. Sem essa preciosa dádiva de Deus, o propósito da vida mortal não poderia cumprir-se. Para garantir nosso arbítrio na mortalidade, travamos uma grande luta que o livro de Apocalipse chama de “batalha no céu”. Em consequência dessa guerra pré-mortal, o diabo e seus anjos foram expulsos do céu e perderam a oportunidade de possuir um corpo nesta vida. (Ver Apocalipse 12:7-9.)

Mas nossa luta para garantir o arbítrio foi vitoriosa. O teste neste estado pós-guerra não é garantir a liberdade de escolha, mas usá-la, escolher o bem em vez do mal para que tenhamos condições de atingir nossas metas eternas. Na mortalidade, a escolha é um método, não uma meta.

Obviamente, os mortais ainda precisam resolver muitas questões relativas a quais restrições ou consequências devem acompanhar as escolhas. Mas essas questões dizem respeito à liberdade, não ao arbítrio. Muitos não compreendem esse fato importante. Somos responsáveis por utilizar nosso arbítrio em um mundo de escolhas. Não basta fingir que nosso arbítrio foi retirado quando não somos livres para exercê-lo sem sermos afetados por consequências indesejáveis.

Como a escolha é um método, as decisões podem pender para qualquer lado em determinado assunto e servir a qualquer meta. Portanto, os que consideram a liberdade de escolha uma meta podem facilmente tentar justificar qualquer escolha feita. A “escolha” pode até tornar-se um slogan para justificar determinada decisão. Por exemplo, hoje a pessoa que diz “Sou pró-escolha” é aquela que se opõe a quaisquer restrições legais à decisão da mulher de realizar um aborto.

Há mais de 30 anos, quando eu era um jovem professor de direito, publiquei um artigo pioneiro sobre as consequências legais do aborto. Desde aquela época, venho observando de perto a discussão nacional e as tristes decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos quanto ao chamado “direito de abortar”. Fico admirado com a perspicácia com que as pessoas que inicialmente pediram e agora defendem o aborto legalizado e irrestrito deslocaram o foco do debate dos prós e contras morais, éticos e médicos das restrições legais ao aborto e centraram-no no aspecto da escolha. O slogan ou lema “pró-escolha” tem um efeito quase mágico para justificar o aborto e neutralizar a oposição a ele.

Os slogans “pró-escolha” vêm-se mostrando particularmente atraentes para os santos dos últimos dias, por sabermos que o arbítrio moral, que pode ser descrito como o poder de escolher, é uma necessidade fundamental no plano do evangelho. Por essa definição teológica, todos os santos dos últimos dias são “pró-escolha”. Mas concordar com a necessidade de arbítrio moral não esgota o assunto para nós. A escolha é um método, não a meta final. Vamos prestar contas de nossas escolhas, e somente as que forem justas nos conduzirão a nossas metas eternas.

Nesse aspecto, os santos dos últimos dias seguem os ensinamentos dos profetas, e a orientação é clara. O Senhor ordenou: “Não (. . .) matarás nem farás coisa alguma semelhante”. (D&C 59:6) A Igreja opõe-se ao aborto realizado por conveniência pessoal ou social. Nossos membros são ensinados que, exceto em casos muito raros, não devem submeter-se a abortos, tampouco realizá-los, incentivá-los, planejá-los ou pagá-los. Essa diretriz mostra-nos o que precisamos fazer em relação aos aspectos mais importantes da lei, as escolhas que nos ajudarão a alcançar a vida eterna.

No mundo de hoje, não seremos fiéis a nossos ensinamentos se formos meramente “pró-escolha”. Devemos erguer-nos em defesa da escolha *correta*. As pessoas que se recusarem a refletir além dos slogans e campanhas como a “pró-escolha” acabarão por desviar-se das metas que alegam possuir e por apoiar resultados que talvez não

apoiariam se lhes fossem apresentados sem disfarces.

Por exemplo, pensem no uso que alguns fizeram das possíveis exceções de nossos ensinamentos contra o aborto. Nossos líderes ensinam que os únicos casos justificáveis são quando a gravidez resulte de estupro ou incesto ou quando um médico competente constatar que a vida ou a saúde da mãe está correndo sério risco ou que o feto tem graves defeitos que não lhe permitirão sobreviver após o nascimento. Mas mesmo essas exceções não constituem justificativa automática para o aborto. Como o aborto é um assunto da mais alta seriedade, somos aconselhados a cogitá-lo somente depois que as pessoas envolvidas conversarem com o bispo e receberem confirmação divina por meio da oração.

Alguns santos dos últimos dias afirmam que o aborto é condenável, mas usam essas circunstâncias excepcionais como base para sua posição pró-escolha, mostrando-se favoráveis à lei que permite o aborto opcional em todas as situações. Essas pessoas devem reconhecer que as circunstâncias descritas nessas três exceções são extremamente raras. Por exemplo, a concepção por incesto ou estupro (o exemplo mais citado pelos defensores do aborto opcional) é a causa de um número ínfimo de abortos. Mais de 95 por cento dos milhões de abortos realizados anualmente põem fim à vida de um feto gerado em relações consensuais. Assim, o que está por trás de mais de 95 por cento dos casos não é a defesa da liberdade de escolha, mas a tentativa de evitar suas conseqüências.¹ Utilizar argumentos de “escolha” para procurar justificar a alteração dos efeitos da decisão é um exemplo clássico de omitir o que o Salvador chamou de “o mais importante da lei”.

Uma importante base para as justificativas seculares ou filosóficas para o aborto opcional é o argumento de que a mulher deve ter controle sobre seu próprio corpo. Não faz muito tempo, recebi uma carta de um atencioso santo dos últimos dias de fora dos Estados Unidos que analisou esse argumento em termos seculares. Como a análise dele chega à mesma conclusão que demonstrei em assuntos religiosos, cito-a aqui em benefício das pessoas mais propensas a serem persuadidas por essa linha de raciocínio:

“Todas as mulheres têm, nos limites da natureza, o direito de escolher o que vai ou não acontecer com seu corpo; ao mesmo tempo, são responsáveis pela forma pela qual o utilizarem. Se por escolha própria elas portarem-se de forma a ocasionar a concepção de um feto humano, elas não só têm *direito ao feto*, mas também a *responsabilidade por ele*. Caso se trate de uma gravidez indesejada, elas não têm justificativa para encerrá-la alegando que interfere em seu direito de escolha. Elas mesmo escolheram o que iria acontecer com seu corpo ao correrem o risco de engravidar. Elas fizeram sua opção. Se não dispuserem de motivos melhores, sua consciência deve dizer-lhes que o aborto é uma escolha altamente irresponsável.

O que constitui um bom motivo? Como um feto humano tem valor intrínseco e infinito, a única razão justificável para o aborto seria a violação ou privação da liberdade que a mulher tem de escolher o que acontecerá ou não com seu corpo, ou uma ameaça a essa liberdade. Os aspectos sociais, educacionais, financeiros e pessoais por si só não devem ultrapassar o valor da vida que o feto representa. Essas considerações podem levar à decisão de entregar o filho para adoção depois de seu nascimento, mas nunca a de terminar sua existência no útero.

A liberdade que a mulher tem de escolher o que vai ou não acontecer com seu corpo é obviamente violada pelo estupro ou incesto. Quando a concepção ocorre em tais circunstâncias, a mulher tem o direito moral e legal de fazer o aborto, pois a gestação é resultado da irresponsabilidade de outra pessoa, não dela. Ela não deve ser obrigada a assumir a responsabilidade por isso. Forçá-la em virtude da lei a levar a termo a gravidez seria um atentado ainda maior contra seus direitos. Ela também tem o direito de recusar um aborto, o que lhe proporcionaria o direito ao feto e também a torna responsável por ele. Ela poderia posteriormente renunciar a esse direito e responsabilidade dando o filho em adoção. Qualquer uma delas constituiria uma escolha responsável.”



O autor dessas palavras também aplicou o mesmo raciocínio para as duas outras exceções previstas em nossa doutrina (o caso do risco para a mãe e do bebê que não sobreviverá após o parto).

Vou concluir esta discussão sobre a escolha com outras duas idéias breves.

Se afirmarmos ser contrários ao aborto em nossa vida pessoal, mas favoráveis a ele como política pública, estaremos dizendo que não usaremos nossa influência para estabelecer leis que incentivem escolhas justas em assuntos que os servos de Deus definiram como pecados sérios. Insto os santos dos últimos dias que tenham assumido essa posição a perguntarem a si mesmos quais outros pecados graves devem ser descriminados ou tolerados pela lei

em virtude dessa teoria de que as pessoas não devem ser detidas em suas escolhas. Será que devemos discriminar os maus-tratos às crianças ou minimizar seus efeitos legais? E a crueldade contra os animais? E a poluição? E as fraudes? E os pais que decidem abandonar a família em busca de mais liberdade ou conforto?

Da mesma forma, alguns defendem a posição "pró-escolha" dizendo que não devemos legislar sobre temas morais. As pessoas que assumem essa posição devem perceber que a lei de crimes não legisla sobre nada além da moralidade. Devemos revogar todas as leis com bases morais para que nosso governo não puna as escolhas que algumas pessoas considerem imorais? Um ato

A orientação profética é clara. O Senhor ordenou: "Não (. . .) matarás nem farás coisa alguma semelhante". (D&C 59:6) A Igreja opõe-se ao aborto realizado por conveniência pessoal ou social.



dessa natureza daria fim a todas as leis relativas aos crimes.

DIVERSIDADE

Minha última ilustração dos efeitos nocivos de confundir os meios com os fins e os métodos com as metas diz respeito à *diversidade*. Poucas palavras produziram mais confusão em nossa época do que essa. Um respeitado juiz federal pronunciou-se sobre as atuais mudanças na cultura e nos valores observando que “um novo credo em celebração da diversidade parece estar emergindo, proclamando: ‘Divididos Venceremos!’”² Mesmo em termos religiosos, às vezes ouvimos as palavras “celebrar a diversidade” como se ela fosse uma meta final.

A palavra *diversidade* tem usos legítimos para descrever uma *condição*, como ao se discutir a “diversidade racial e cultural”. Da mesma forma, o que agora chamamos de “diversidade” aparece nas escrituras como uma condição. Isso se faz evidente sempre que se descrevem as diferenças entre os filhos de Deus, como nas numerosas referências escriturísticas a nações, tribos, línguas e povos.

Contudo, nas escrituras, os objetivos que aprendemos que devemos seguir em busca de nossas metas eternas são ideais como o amor e a obediência. Esses ideais não nos aceitam como somos, mas exigem que cada um de nós efetue mudanças. Jesus não orou para que Seus seguidores fossem “diversos”. Orou para que fossem “um”. (João 17:21–22) As revelações modernas não dizem: “Sede diversos; e se não sois diversos, não sois meus”. Dizem, isto sim, “Sede um; e se não sois um, não sois meus”. (D&C 38:27)

Como a diversidade é uma condição, um método, um objetivo de curto prazo (e não uma meta final), sempre que se fizer menção à diversidade, cabe perguntar: “Que tipo de diversidade?” ou “Diversidade em que circunstâncias ou condições?” ou “Diversidade para alcançar que meta?” Isso é importante principalmente em nossos debates políticos, que devemos conduzir não com base em slogans, mas em metas que almejamos e em métodos ou objetivos a curto prazo que nos ajudarão a atingi-las. A diversidade por si só não tem significado e pode

facilmente ser utilizada para produzir resultados inaceitáveis. Por exemplo, se a diversidade é a meta principal em uma comunidade, isso quer dizer que devemos procurar garantir que no local se aceitem ladrões e pedófilos, assassinos e psicopatas? A diversidade pode ser um bom método para alcançarmos alguma meta a longo prazo, mas as discussões precisam ir além do slogan para identificar a meta, especificar a diversidade proposta e explicar como esse tipo de diversidade ajudará a alcançar o objetivo desejado por todos.

Nossa Igreja tem uma forma de lidar com as óbvias diferenças culturais e étnicas existentes entre nossos membros. Ensinamos que o que nos une é muito mais importante do que o que nos diferencia. Conseqüentemente, nossos membros são orientados a concentrar os esforços em fortalecer nossa unidade, e não glorificar nossa diversidade. Por exemplo, nosso objetivo não é organizar alas e ramos locais de acordo com as diferenças culturais ou com a origem étnica ou nacional, embora isso às vezes ocorra temporariamente quando as barreiras lingüísticas o exigirem. Em vez disso, ensinamos que os membros de grupos majoritários (em qualquer aspecto) têm a responsabilidade de aceitar os membros da Igreja de outros segmentos, integrando-os plenamente e dando-lhes oportunidades para participar ativamente da Igreja. Procuramos estabelecer uma comunidade de santos — “um corpo”, como chamou o apóstolo Paulo (I Coríntios 12:13) — onde todos se sintam necessários e queridos e busquem atingir as metas eternas que lhes são comuns.

Seguindo o mandamento que o Salvador nos deu de sermos “um”, procuramos a unidade. A respeito disso, o Presidente Gordon B. Hinckley ensinou: “Lembro-me de quando o Presidente J. Reuben Clark Jr., como conselheiro na Primeira Presidência, discursava deste púlpito e implorava que houvesse unidade entre os portadores do sacerdócio. Acho que ele não estava pedindo que renunciássemos a nossa personalidade individual e nos tornássemos robôs saídos da mesma linha de produção. Tenho certeza de que ele não estava dizendo que deveríamos parar de pensar, refletir e meditar como pessoas. Acho que

estava afirmando que devemos auxiliar na realização da obra de Deus, levar no coração uma convicção unida com relação às pedras fundamentais de nossa fé. (...) Se quisermos ajudar a obra de Deus a ir avante, devemos ter no coração uma convicção coesa de que as ordenanças e convênios desta obra são eternos em suas conseqüências”.³

Qualquer pessoa que pregar a unidade corre o risco de ser mal-interpretada. O mesmo acontece com qualquer uma que questionar a meta da diversidade. Há o perigo de serem chamadas de intolerantes. Mas a tolerância não é afetada quando promovemos a unidade ou desafiamos a diversidade. Novamente, citarei o Presidente Hinckley: “Cada um de nós é uma pessoa distinta. Cada um de nós é diferente. Devemos respeitar essas diferenças”.⁴

Em outra ocasião, ele disse: “Precisamos empenhar-nos ainda mais para cultivar o respeito mútuo, uma atitude de paciência, de tolerância uns pelos outros a despeito das diferenças doutrinárias e filosóficas existentes. Podemos discordar quanto a elas, mas devemos fazê-lo com respeito e cortesia”.⁵

O Presidente Hinckley prossegue: “Uma de nossas regras de fé declara: ‘Pretendemos o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames de nossa própria consciência; e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que desejarem’. (Regras de Fé 1:11) Espero estar sempre ao lado de pessoas que defendam essa posição. Nossa força reside em nossa liberdade de escolha. Há força na própria diversidade que existe em nosso meio. Contudo, há uma força ainda maior no mandamento que Deus nos deu de trabalhar para edificar e abençoar todos os Seus filhos, seja qual for sua origem étnica ou nacional ou outras diferenças”.⁶

Para resumir, pregamos que deve haver unidade na comunidade dos santos e tolerância para com as diferenças



Ensinamos que o que nos une é muito mais importante do que o que nos diferencia. Conseqüentemente, nossos membros são orientados a concentrar os esforços em fortalecer nossa unidade, e não glorificar nossa diversidade.

personais que são inevitáveis no que tange às crenças e conduta de uma população diversificada. A tolerância obviamente pressupõe uma forma de confrontar as diferenças alheias sem contendas. Mas a tolerância não exige que abandonemos nossos padrões ou opiniões sobre escolhas políticas ou públicas. A tolerância é uma forma de reagir à diversidade, não um mandamento para isentá-la de exames.

Pedidos insistentes em favor da diversidade no setor público às vezes têm o efeito de pressionar as pessoas que estejam em posições majoritárias a abandonarem os valores fundamentais para dar lugar a posições divergentes das minorias. Em geral, isso não substitui o valor da maioria pelo de uma minoria. Pelo contrário, busca-se a diversidade com o completo abandono de uma posição oficial, de modo que os valores de alguém não sejam contraditos por uma posição oficial ou semi-oficial. O resultado disso não é uma diversidade de valores, mas uma anarquia oficial de valores. Creio que isso seja um exemplo da observação feita por Louis Pojman, ex-professor visitante da Universidade Brigham Young, que disse que a diversidade pode ser utilizada como “eufemismo para o relativismo moral”.⁷

Há centenas de exemplos disso, em que a busca da meta da diversidade resulta na anarquia de valores que chamamos de relativismo moral. Esses exemplos incluem propostas variadas como proibir que escolas públicas ensinem que determinados comportamentos são errados ou que o patriotismo é correto. Outro exemplo é a tentativa de vedar a exibição dos Dez Mandamentos em prédios públicos.

Em uma época em que pensadores eminentes têm condenado o fato de as universidades terem parado de ensinar o certo e o errado, somos gratos por termos a Universidade Brigham Young, que está na contramão dessa tendência. O relativismo moral, tido como a força dominante nas universidades americanas, não tem lugar na BYU. O corpo docente ensina valores: o certo e o errado que o evangelho de Jesus Cristo prega.

Para concluir, a diversidade e a escolha não constituem os temas mais importantes da lei. O mais importante e o que nos ajuda a alcançar nossa meta de vida eterna

é o amor a Deus, a obediência a Seus mandamentos e a unidade na realização da obra de Sua Igreja. Ao acreditarmos nisso e vivermos em harmonia com essa crença, iremos de encontro às encapeladas ondas modernas que nos impelem ao individualismo e à tolerância, em vez da obediência e do trabalho conjunto. Embora nossas crenças e práticas sejam impopulares, elas são certas e não exigem a obediência cega ou a uniformidade sufocante de que seus críticos as acusam. Se formos unidos em nossa meta eterna e nos princípios inspirados que nos conduzirão a ela, poderemos ser diversos nos esforços individuais que empreendermos para atingi-la, sem deixarmos de ser coerentes com tais princípios.

Sabemos que a obra de Deus não pode ser levada avante sem unidade e trabalho conjunto. Sabemos também que os filhos de Deus não podem ser exaltados individualmente. Tampouco pode uma mulher ou homem ser exaltado no reino celestial a menos que ambos se unam no altruísmo do convênio eterno do casamento e decidam guardar os mandamentos e honrar os convênios dessa união.

Testifico de Jesus Cristo, nosso Salvador. Na condição de Autor da Expição que pagou o preço incompreensível por nossos pecados, é Ele que estabelece as condições necessárias para nossa salvação. Ele ordenou que guardássemos Seus mandamentos (ver João 14:15) e fôssemos “um”. (D&C 38:27) Oro para que façamos as escolhas mais sábias de guardar os mandamentos e buscar a unidade que nos conduzirá a nossa meta final, a “vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus”. (D&C 14:7) □

De um discurso devocional proferido na Universidade Brigham Young em 9 de fevereiro de 1999.

NOTAS

Ver Russell M. Nelson, “Reverence for Life”, *Ensign*, maio de 1985, pp. 11–14.

2. J. Thomas Greene, “Activist Judicial Philosophies on Trial”, *Federal Rules Decisions* 178 (1997): 200.

3. *Teachings of Gordon B. Hinckley* (1997), p. 672.

4. *Teachings*, p. 661.

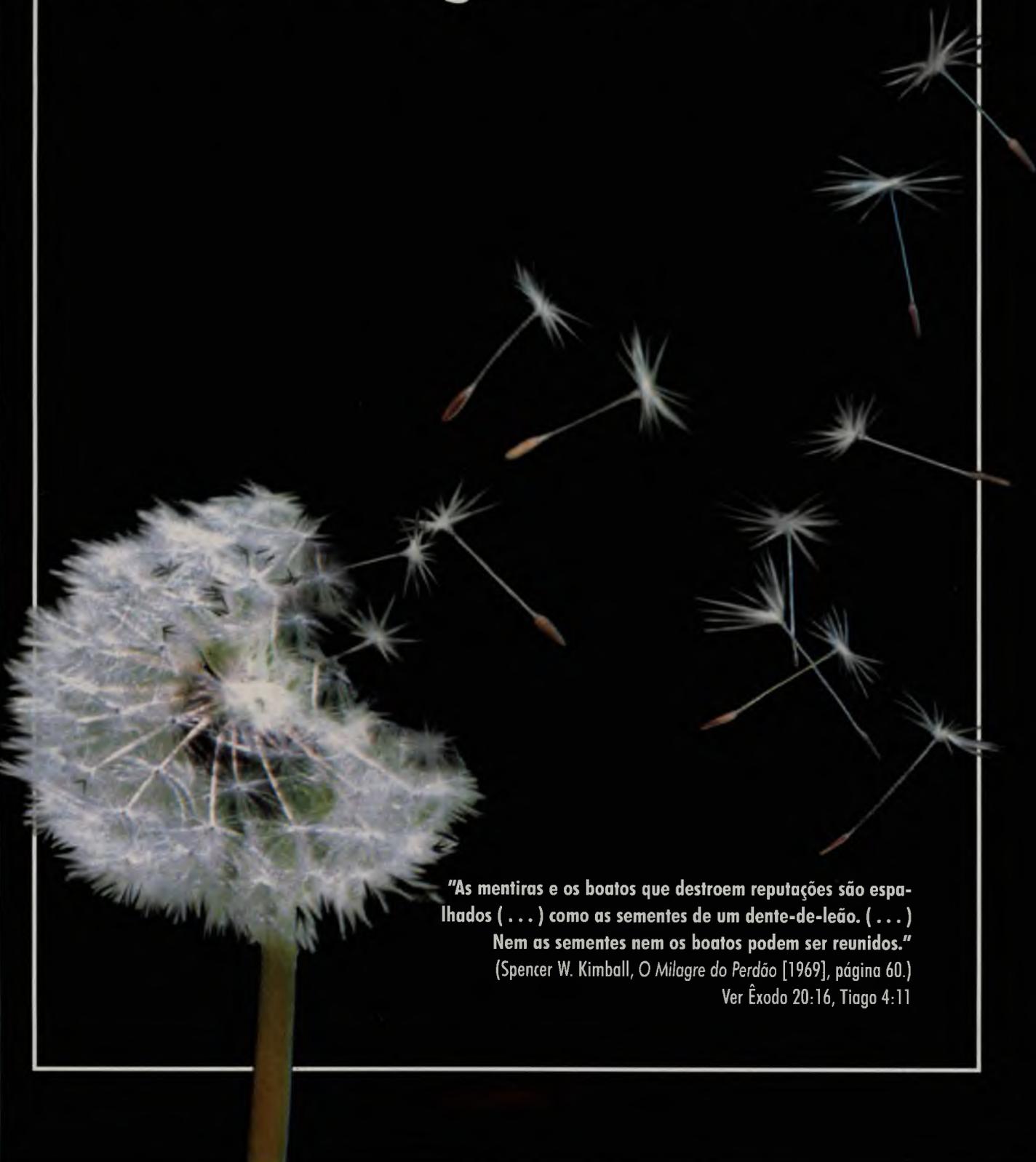
5. *Teachings*, p. 665.

6. *Teachings*, p. 664.

7. “Viewpoint”, *Daily Universe*, 13 de outubro de 1998, p. 4.

MENSAGEM MÓRMON

NÃO FAÇA ISSO!



"As mentiras e os boatos que destroem reputações são espalhados (. . .) como as sementes de um dente-de-leão. (. . .) Nem as sementes nem os boatos podem ser reunidos."
(Spencer W. Kimball, *O Milagre do Perdão* [1969], página 60.)
Ver Êxodo 20:16, Tiago 4:11

CULTIVAR A INTEGRIDADE

Tamara Leatham Bailey

Integridade. Talvez você não tenha bem certeza do significado dessa palavra, mas deve saber que precisa possuir esse atributo.

Ter integridade significa agir em harmonia com as crenças pessoais. Significa ter a coragem de fazer o que é certo, mesmo quando ninguém estiver observando. Significa ser honesto consigo mesmo. Por exemplo, José demonstrou integridade pessoal ao resistir às investidas da mulher de Potifar. Ele fez a coisa certa em uma situação difícil. (Ver Gênesis 39:7–12.)

Todas as vezes que você faz o que é certo, sua integridade pessoal aumenta. Eis algumas formas pelas quais você pode praticar a integridade:

- Se você tem emprego, trabalhe honestamente cada hora que lhe for paga.
- Se você prometer estar em algum lugar em determinado horário, faça-o.
- Devolva o que tomar emprestado. (Ver Mosias 4:28.)
- Cumpra suas promessas. Realmente faça o que disser que vai fazer.
- Abstenha-se de criticar as pessoas. Não ouça

mexericos nem os passe adiante.

- Seja confiável. Faça suas tarefas domésticas e lições de casa sem precisar ser lembrado.
- Respeite todas as leis, incluindo os limites de velocidade e as normas relativas aos cintos de segurança.
- Seja honesto em suas tarefas escolares. Nunca aja de forma desonesta.
- Admita quando estiver errado. Peça desculpas a qualquer pessoa que você possa ter ofendido.
- Seja responsável com seu dinheiro.
- Quando alguém cometer erros que o beneficiem (como dar troco a mais no mercado, no banco e assim por diante), corrija o erro mais rápido possível.
- Diga sempre a verdade. Evite até mesmo pequenas mentiras inocentes e meias verdades. Não deixe de pronunciar-se quando seu silêncio levar alguém a crer em algo que seja errado.
- Jamais deixe alguém persuadi-lo a fazer algo que você saiba ser errado.
- Leia Mosias 18:8–10. Durante o sacramento e no decorrer da semana, lembre a você mesmo as promessas que você fez por ocasião do batismo. □

DAR BOAS-VINDAS ÀS JOVENS NA SOCIEDADE DE SOCORRO

Quando o Profeta Joseph Smith organizou a Sociedade de Socorro no dia 17 de março de 1842, estavam presentes 18 mulheres. Três eram adolescentes. Lucy Mack Smith, mãe do Profeta, deu mais tarde claras instruções às irmãs da Sociedade de Socorro, de todas as idades, ao admoestá-las a “tratar-se com carinho, cuidar, consolar e instruir umas às outras, para que todas pudessem estar juntas no céu”. (Minutes of the Female Relief Society of Nauvoo, 24 de março de 1842.)

Como irmãs na Sociedade de Socorro, temos a oportunidade de receber as mulheres da Igreja em nosso círculo, “tendo os corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros” (Mosias 18:21)

TRANSIÇÃO AMOROSA

A presidência geral da Sociedade de Socorro reuniu-se com algumas jovens para saber como se sentiam a respeito da transição entre as Moças e a Sociedade de Socorro. Os comentários das jovens mostram um misto de incerteza e expectativa.

“Tenho um pouco de medo de entrar para a Sociedade de Socorro”, disse uma jovem. “Nas Moças, as lições tratam de assuntos ligados ao que estou vivendo atualmente, mas quando penso na Sociedade de Socorro, vejo mulheres mais velhas falando de coisas que dizem respeito a elas, mas que talvez não

tenham a ver comigo, que sou jovem.”

Outra moça comentou: “Acho que vou entrar num ambiente formal em que as senhoras são caladas e sempre bem comportadas. Só espero que eu consiga sentir-me parte do grupo e que me divirta com elas”.

Será que conseguirei integrar-me? Será que vou gostar da Sociedade de Socorro? Conseguirei servir às pessoas? Essas são algumas das perguntas que passam pela cabeça das jovens irmãs. Cada uma de nós precisa assegurar a essas moças que somos suas amigas, que elas têm valor e que terão, com certeza, oportunidade de servir e compartilhar seus talentos.

UMA IRMANDADE DE AMOR

Mary Ellen Smoot, presidente geral da Sociedade de Socorro, aconselha-nos a aproximarmos das jovens que estão ingressando na Sociedade de Socorro. “Será dentro dessa irmandade de amor que as jovens compreenderão melhor os princípios do evangelho, edificarão um firme testemunho e farão com que o

serviço cristão faça parte de sua vida.” (Comentários feitos numa recepção oferecida pela Sociedade de Socorro na primavera de 1999.)

A Declaração da Sociedade de Socorro afirma os ideais da Sociedade de Socorro e fornece orientações para que todas as irmãs atinjam seu potencial:

Somos amadas filhas espirituais de Deus, e nossa vida tem significado, propósito e direção. Como irmandade mundial, somos unidas em nossa devoção a Jesus Cristo, nosso Salvador e Exemplo. Somos mulheres de fé, virtude, visão e caridade e:

Aumentamos nosso testemunho de Jesus Cristo por meio da oração e do estudo das escrituras.

Buscamos força espiritual seguindo os sussurros do Espírito Santo.

Dedicamo-nos ao trabalho de fortalecer o casamento, a família e o lar.

Consideramos nobre a maternidade e somos felizes por sermos mulheres.

Deleitamo-nos no serviço ao próximo e nas boas obras.

Amamos a vida e o aprendizado.

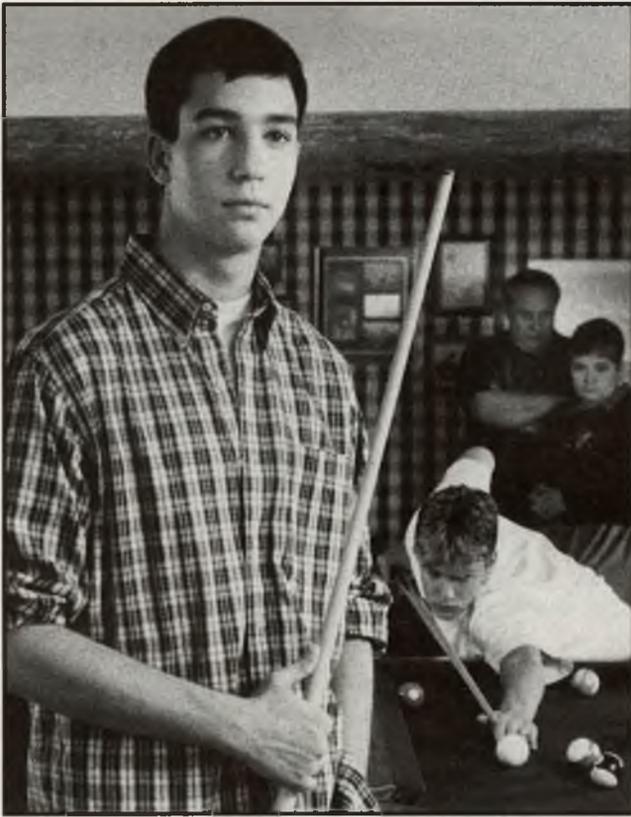
Defendemos a verdade e a retidão.

Apoiamos o sacerdócio como a autoridade de Deus na Terra.

Regozijamo-nos com as bênçãos do templo, compreendemos nosso destino e esforçamo-nos para alcançar a exaltação.

A Sociedade de Socorro proporciona a cada uma de nós crescimento, satisfação, amizade e instrução espiritual, bem como uma irmandade para toda a vida. □





FOTOGRAFIA DE WELDEN C. ANDERSEN; POSADA POR MODELOS

Como Posso Ajudar um Amigo Problemático e ao Mesmo Tempo Seguir os Conselhos de Meus Pais?

Meus pais aconselharam-me a não ficar muito tempo com um de meus amigos porque ele bebe e falta às aulas. Mas ele também tem algumas qualidades. Como posso ajudá-lo e ao mesmo tempo seguir os conselhos de meus pais?

Perguntas respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

A RESPOSTA DE A LIAHONA

As amizades são alguns de nossos relacionamentos mais importantes aqui na Terra. Os amigos não só nos fazem companhia e nos divertem, mas também podem ter um impacto duradouro sobre nós. Todos temos fraquezas, e os bons amigos podem oferecer apoio e auxílio inestimável em momentos difíceis.

Às vezes, contudo, nossos amigos têm hábitos incompatíveis com o evangelho ou os padrões da família. Os pais receberam o mandamento de criar os filhos em luz e verdade. (Ver D&C 93:40.) Eles têm o direito de receber inspiração para seus filhos e naturalmente se preocupam quando os vêem escolher amigos que não têm os mesmos valores da família. Como nossos

pais são motivados por amor e preocupação com nosso bem-estar e contam com a vantagem da experiência, devemos prestar bastante atenção e obedecer a seus conselhos. Eles sabem como as consequências de rebaixarmos nossos padrões podem ser devastadoras. Sabem também que um amigo verdadeiro nunca nos incentivará a desviar-nos das metas dignas que estabelecemos para nós mesmos.

Felizmente, permanecer fiel aos princípios do evangelho e honrar os pais não significa necessariamente que você deva abandonar seu amigo que tenha problemas. Com o auxílio e os conselhos de seus pais, você conseguirá ajudá-lo a traçar e atingir suas próprias metas dignas.

Contudo, quando estiver em uma

situação dessas, pondere primeiramente várias perguntas: Até que ponto vai minha força? Será mais provável que eu influencie meu amigo pelo meu exemplo ou que seja influenciado pelo dele? Ele respeitará minha decisão de não me envolver em práticas iníquas ou vai tentar enredar-me? Muitas pessoas que se propõem a ajudar um amigo desobediente acabam, em pouco tempo, por apoiar e aceitar os pecados dele. É essencial que você e seu amigo permaneçam fiéis aos padrões do evangelho. Se você não for forte o bastante para guardar os mandamentos na companhia dele, talvez seja preciso terminar a amizade definitivamente.

Se você tiver força espiritual para ser um exemplo irrepreensível

para seu amigo, converse com seus pais e desenvolva um plano para ajudá-lo. Explique-lhe seus padrões e demonstre o quanto suas crenças significam para você. Diga-lhe que você se preocupa com ele e deseja auxiliá-lo, mas que não vai rebaixar seus padrões. Você pode convidá-lo à Igreja ou para atividades dos jovens ou incentivá-lo a ouvir os missionários. Convide-o para ir a sua casa para que ele tenha a oportunidade de ver a felicidade que se sente ao viver-se o evangelho. Lembre-se dele em suas orações pessoais e familiares.

Considere a possibilidade de fazer o que sugeriu um de nossos leitores: peça a sua família que jejue e ore com você em favor de seu amigo. Ao buscarem juntos inspiração para ajudá-lo melhor, é bem provável que seus pais reconheçam sua força e percebam que a preocupação deles com seu bem-estar espiritual se reflete em sua preocupação com seu amigo. Envolvê-los de forma tão direta fará com que se sintam mais dispostos a receber esse amigo em sua casa para que ele veja de perto como é um ambiente pautado pelos princípios do evangelho.

Embora essa situação não seja fácil, se você permanecer fiel a seu testemunho do evangelho e buscar o auxílio do Senhor, você e sua família poderão abençoar a vida de seu amigo.

RESPOSTAS DOS LEITORES

Nossos pais têm razão ao preocuparem-se conosco. Precisamos perguntar a nós mesmos: somos tão dedicados ao evangelho a ponto de não deixarmos nenhuma outra influência separar-nos do Senhor? Se a resposta for afirmativa, precisamos conversar com nossos pais, tranquilizá-los e depois convidar esse amigo querido para uma atividade da Igreja. Podemos ajudá-lo a ver como a Igreja pode ajudá-lo a desenvolver da melhor forma possível suas qualidades.

*Gerardo Salvatierra Fernández,
Ramo Chilceto,
Missão Córdoba Argentina*

Algum tempo atrás, vivi a mesma situação. Um amigo meu, que ainda não é membro da Igreja, foi a um bar e trouxe duas garrafas de cerveja. Eu disse a ele: "Você não conhece meus princípios santos dos últimos dias?" Ele respondeu: "Desculpe, tinha esquecido; sendo assim, não tenho um amigo com quem beber". Em seguida, surpreendeu-me: jogou no lixo as duas garrafas. Sempre saímos juntos agora, mas ele nunca bebe.

Nosso exemplo influencia as pessoas. Devemos seguir o exemplo de Jesus Cristo.

*Humberto Marambaia Júnior,
Ala Vila Nova
Estaca Rio de Janeiro Brasil Campo Grande*



Humberto Marambaia Junior



Juan Carlos Sivira



Anne-Marie Fanakrã



Jorge Ramón Sorto



Nkem Beauty Okor



Bibiche Aka Mwanzambi



Devita Aprilani



Marilou Valera Millare

Quando um amigo nosso tem problemas, a primeira coisa que devemos fazer é uma auto-avaliação para certificarmos de estarmos firmes em nossa determinação de fazer o que é certo. Convidá-lo para participar de atividades com nossos pais e outras pessoas que tenham padrões elevados vai ajudá-lo a sentir o Espírito e o amor de outras pessoas por ele. E, ao mesmo tempo, vamos estar vivendo o evangelho.

Juan Carlos Sivira

Ala Los Laureles

Estaca Ciudad Ojeda Venezuela

Eu convidaria meu amigo para uma noite familiar. Ele poderia passar momentos agradáveis com minha família e nós poderíamos mostrar-lhe como ele é importante para nós. Eu o chamaria para as reuniões da Igreja e aos poucos lhe ensinaria os princípios fundamentais do evangelho.

Peça a seus pais que jejuem e orem com você para saber como ajudar seu amigo. Lembre-se de que os santos dos últimos dias devem estender a mão ao próximo.

Jorge Ramón Sorto

Ala Refinería

Estaca Apopa El Salvador

Há muito tempo, preocupava-me tanto com o que as pessoas pensavam a meu respeito que comecei a fazer coisas que sabia que não deveria, apenas como forma de auto-afir-

mação. Até pensei em sair da Igreja, não por ter deixado de crer no evangelho de Jesus Cristo, mas porque minha consciência estava pesada. Felizmente, percebi a tempo que, ao agir assim, estaria trocando minha felicidade espiritual e eterna por uma alegria efêmera e ilusória.

Devido ao grande apoio e amor de meus amigos da Igreja, consegui pôr em ordem minhas idéias e comecei um árduo e doloroso período de arrependimento. Sou muito grata por nunca ter sido abandonada por meus amigos. Esta experiência ajudou-me a perceber que o Pai Celestial me ama e sempre vai ajudar-me.

Anne-Marie Fanakrà

Ramo Stavanger

Distrito Stavanger Noruega

Eu estava levando uma vida que jamais me conduziria a lugar algum. Mas com a ajuda de um amigo, alcancei o conhecimento de que Deus vive. Se ele tivesse me deixado permanecer na escuridão, eu não teria visto a luz de Deus. Busquemos as ovelhas desgarradas, pois nosso Pai Celestial ama a todos nós e deseja que retornemos a Sua presença.

Nkem Beauty Okor

Ala Emuoha

Estaca Port Harcourt Nigéria

Fui criado em uma família atéia que não respeitava certos valores. Mas minha melhor amiga, Maud

Dominault, e seus familiares, que são membros da Igreja, nunca se distanciaram de mim, mesmo quando eu cometia erros. A família dela me aceitava, embora eu fosse diferente. Hoje, sentimo-nos próximos como se fôssemos parentes sanguíneos.

Contudo, se seu amigo induzi-lo a pecar, fizer pouco caso de seus valores e estilo de vida e tentar afastá-lo da verdade, ele não é um bom amigo para você. Nesse caso, seria melhor parar de relacionar-se com ele, pois há sempre o risco de que ele o enfraquecerá.

Maud Pipet-Renard

Uma amiga da Igreja que reside na área da Estaca Bordeaux França

Eu visitaria esse amigo com outro membro da Igreja. Se eu não estiver muito forte no evangelho e tiver de visitá-lo sozinho, correrei o risco de incorrer nos mesmos erros que ele. Por esse motivo, levaria comigo um membro da Igreja. Todas as vezes que o visitássemos, eu deixaria uma mensagem sobre o evangelho e lhe daria um bom exemplo. Acima de tudo, oraria e jejuaria por ele.

Como membros da Igreja, devemos ensinar nossos amigos por meio de nossa conduta e exemplo. Onde quer que estejamos, devemos refletir a imagem de Jesus Cristo.

Bibiche Aka Mwanzambi

Ala Foncier

Estaca Abidjã Costa do Marfim

Algo essencial que devemos verificar é se a pessoa percebe que o que está fazendo é errado. Muitos nem se dão conta, enquanto outros, apesar de conscientes, continuam a agir de forma indevida.

Pode ser que esse amigo não perceba que seu comportamento está errado. Por importar-me com ele, eu o incentivaria a melhorar sua atitude. Também o lembraria de suas qualidades para certificar-me de que sua conduta errada não destrua esses pontos fortes. Tentaria também ajudar meus pais a enxergar as virtudes dele.

Devita Aprilani

Ramo Surabaya Barat

Distrito Surabaya Indonésia

A primeira coisa que temos de fazer é obedecer a nossos pais. Eles amam-nos e é por isso que nos protegem de qualquer coisa que não seja boa para nós. Nosso amigo pode induzir-nos à tentação ou afastar-nos espiritualmente de nosso Pai Celestial.

Devemos auxiliá-lo até onde pudermos. Se possível, devemos ajudá-lo a aprender o que precisa fazer para voltar para a presença de nosso Pai Celestial.

Linda Hayde López Fierro

Ala Nueva Aurora

Estaca Guayaquil Equador Leste

Meus pais sempre sabem o que é o melhor, mas não devo abandonar meu amigo que está prestes a arruinar-se.

Devo incentivá-lo a agir de forma adequada e mostrar os efeitos de seus atos para sua saúde, seu ser como um todo, sua família e sua comunidade; persuadi-lo a dar prosseguimento aos estudos; e assegurar-lhe de que é capaz de qualquer coisa boa que se propuser a fazer. Mas acima de tudo, devo ajudá-lo a aproximar-se de Jesus Cristo, para que ele veja que não está sozinho neste mundo.

Marilou Valera Millare

Ala Bangued

Estaca Narvacan Filipinas

Ajude a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS respondendo à pergunta abaixo. Envie sua resposta de modo a chegar ao destino antes do dia 1º de maio de 2000. Escreva para QUESTIONS AND ANSWERS 05/00, Liahona, 50 East North Temple Street, Floor 25, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA ou mande um e-mail para CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org. Datilografe ou escreva legivelmente em sua própria língua. Para que possamos utilizar sua resposta, coloque seu nome completo, endereço, ala e estaca ou ramo e distrito. Se possível, inclua uma fotografia sua, que não será devolvida. Publicaremos uma seleção de respostas que represente todas as recebidas.

PERGUNTA: *Se nosso Pai Celestial é tão amoroso, por que permite que coisas ruins aconteçam com pessoas inocentes? □*

Palavras do Profeta Vivo

Reflexões e Conselhos do Presidente Gordon B. Hinckley



NATUREZA DIVINA

“Que grande diferença faria se todos soubéssemos que temos um pouco da divindade dentro de nós, que temos uma nobre herança, que de modo muito literal somos filhos e filhas de Deus, e por sermos filhos e filhas do mesmo Pai, somos todos irmãos e irmãs e devemos tratar-nos uns aos outros como tal.”¹

INDELICADEZA

“Creio que podemos ler as escrituras de trás para diante e até sabê-las de cor, mas se houver indelicadeza em nosso coração, se houver maus-tratos em nossa família, tudo mais será em vão.”²

TRABALHO

“Nada acontece nesta Igreja a menos que se trabalhe. É como um carrinho de mão. Ele não se moverá a menos que você o empurre. O trabalho árduo faz a obra do Senhor ir adiante e abençoará sua vida para sempre, se você aprender a trabalhar com real integridade. Digo isso de todo o coração. Ele abençoará sua vida para sempre.”³

MATERIAL E ESPIRITUAL

“As pessoas que criticam a Igreja dizem que ela se transformou em uma grande instituição empresarial. Quero enfaticamente afirmar que o aspecto material jamais sobrepujou o

espiritual. Na verdade, os dois andam de mãos dadas. O lado material provê os meios para que o espiritual seja alcançado. Na verdade, são uma coisa só. O próprio Senhor afirmou: ‘Portanto em verdade vos digo que todas as coisas são espirituais para mim e em tempo algum vos dei uma lei que fosse terrena; (. . .) porque meus mandamentos são espirituais; eles não são naturais nem físicos nem carnis nem sensuais.’ (D&C 29:34-35)

Desde o início deste trabalho, a parte material foi desenvolvida para levar adiante o espiritual.”⁴

DÍZIMO

“O Senhor espera muito de vocês, no sentido de que façam sua parte no trabalho de levarem adiante a obra do Senhor, pagando seus dízimos e ofertas. Graças à fidelidade das pessoas, temos dinheiro suficiente para fazer esta Igreja funcionar. Essa fidelidade é maravilhosa. Não temos muitas pessoas ricas na Igreja. O dinheiro que faz esta Igreja funcionar vem da consagração de pessoas como vocês: Pessoas maravilhosas e fiéis. O dízimo não é uma questão de dinheiro, mas, sim, de fé. O Senhor não pode abençoar os que não são obedientes.”⁵

FÉ NO FUTURO

“Sinto-me imensamente otimista a respeito do futuro. Como bem o sabemos, estamos em um mundo repleto



de todo tipo de problemas. Vemos isso em toda parte: Gangues, famílias se desfazendo, crianças matando crianças, mães solteiras, filhos ilegítimos, drogas, todas essas coisas. Mas a despeito de tudo isso, ainda creio que reste algo de bom nas pessoas. Creio haver milhões de pessoas fervorosas, fiéis e fortes que estão fazendo o melhor que podem para criar sua família em verdade e retidão, para viver como cidadãos honestos e íntegros e para fazer sua contribuição na vida.”⁶

TOMAR BOAS DECISÕES

“Já viram um grande portão de fazenda se abrir e fechar? Se observarem os gonzos, verão que um pequeno movimento do pino resulta em um amplo movimento na extremidade do portão. O mesmo acontece na vida. São as pequenas decisões que fazem grande diferença em nossa vida.”⁷

SER FIÉIS

“Devemos ser as melhores pessoas sobre a face da Terra, em qualquer lugar que estejamos. Se vivermos o evangelho, seremos as melhores pessoas do mundo. Se não o vivermos, estaremos traindo a grande e bela causa que abraçamos. Peça-lhes que se tornem um pouco melhores, um pouco mais fiéis, que sejam santos dos últimos dias em todos os sentidos do termo. Se formos fortes, se formos fiéis, se formos verdadeiros, receberemos as bênçãos do Todo-Poderoso, onde quer que estejamos e em tudo que fizermos.”⁸ □

NOTAS

1. Reunião, Burlington, Vermont, 14 de outubro de 1998.
2. Conferência regional, reunião de treinamento da liderança do sacerdócio, Houston, Texas, 19 de setembro de 1998.
3. Reunião de missionários, Montreal, Quebec, Canadá, 6 de agosto de 1998.
4. Discurso proferido ao receber o título de Executivo



Internacional do Ano pela Faculdade de Administração de Empresas Marriott da Universidade Brigham Young, 6 de novembro de 1998.

5. Reunião, Columbus, Ohio, 25 de abril de 1998.
6. Entrevista para o *Houston Chronicle*, 15 de setembro de 1998.
7. Reunião, Schenectady, Nova York, 17 de outubro de 1998.
8. Reunião, Richmond, Virginia, 14 de novembro de 1998.

O TESTE PRESTADO



A explicação do evangelho dada a Lei e a seus descendentes também ensina o evangelho para nós.



EMUNHO DE CRISTO O POR UMA FAMÍLIA

Kent P. Jackson

LEÍ E SEU POVO CHEGAM AO NOVO MUNDO, DE CLARK KELLEY PRICE; INSERÇÃO: DETALHE DE CRISTO E O JOVEM RICO, DE HEINRICH HOFMANN

No Livro de Mórmon, podemos acompanhar a história de uma família de israelitas abençoada com grande conhecimento da doutrina de Cristo. Mesmo uma comparação superficial entre o Livro de Mórmon e a Bíblia mostra que os descendentes de Leí tinham uma compreensão muito maior dessa doutrina do que o povo do qual descendiam.

O Velho Testamento contém apenas algumas preciosas passagens que fazem referência à doutrina cristã. Mesmo na Tradução de Joseph Smith, que revela que o evangelho estava na Terra desde Adão até Moisés, não encontramos uma compreensão ampla ou clara de Cristo desde a época de Moisés até João Batista. Mas o evangelho de Jesus Cristo é o tema central do Livro de Mórmon. Sua folha de rosto afirma que o livro foi escrito, entre outras razões, “para convencer os judeus e os gentios de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, que se manifesta a todas as nações”.



A revelação moderna explica que Deus nem sempre concedeu plena compreensão de Seu evangelho aos povos da Terra, mesmo para os da casa de Israel. Por causa de rebelião, os israelitas que viveram no período entre Moisés e João Batista não receberam o sacerdócio maior nem as bênçãos do evangelho reservadas aos fiéis. (Ver D&C 84:23–27; Tradução de Joseph Smith, Êxodo 34:1–2.) Alma ensinou:

“E, portanto, aquele que endurecer o coração receberá a parte menor da palavra; e o que não endurecer o coração, a ele será dada a parte maior da palavra, até que lhe seja dado conhecer os mistérios de Deus, até que os conheça na sua plenitude.

E aos que endurecerem o coração será dada a menor parte da palavra, até que nada saibam a respeito de seus mistérios;” (. . .). (Alma 12:10–11)

A rebelião resulta na perda de oportunidades, e a antiga Israel durante grande parte de sua história sofreu as conseqüências da rebelião, ficando privada de boa parte da doutrina do evangelho. (Ver Alma 12:9; 29:8; 3 Néfi 26:9–10.)¹ Mas quando Leí e sua família se separaram de sua sociedade de origem, receberam uma “parte maior da palavra”. Para Leí, o Senhor restaurou o evangelho em sua plenitude, e nós, os leitores do Livro de Mórmon, somos abençoados pelo que ele e sua família aprenderam e registraram. De fato, o aspecto mais importante do Livro de Mórmon é sua clareza ao ensinar e testemunhar a respeito de Jesus Cristo.

O REGISTRO DE NÉFI

Néfi começou seu registro escrevendo nas placas maiores, algo que provavelmente aconteceu mais de dez anos depois de sua família ter partido de Jerusalém. Nelas, ele incluiu o registro de seu pai, um relato de suas jornadas pelo deserto, suas próprias profecias e as de seu pai. (Ver 1 Néfi 19:2.) Cerca de trinta ou quarenta anos depois da saída da família, Néfi fez as placas menores e



escreveu nelas o registro que lemos em 1 e 2 Néfi. (Ver 2 Néfi 5:28–34.) A informação que temos a respeito das primeiras visões de Leí e Néfi, portanto, provém de um registro escrito pelo menos trinta anos após vários dos eventos descritos terem acontecido.

Essa passagem de tempo não significa que o registro seja inexato. Ao escrever nas placas menores, Néfi baseou-se

em suas próprias recordações, no registro escrito por seu pai, seu próprio relato anterior contido nas placas maiores e na inspiração do Espírito Santo. Na verdade, a passagem do tempo permitiu-lhe incutir uma visão mais madura, experiente e ampla em suas descrições daqueles primeiros anos.²

O CHAMADO DE LEÍ

No capítulo 1 de 1 Néfi aprendemos que Leí ensinou em Jerusalém a mesma mensagem transmitida pelos profetas do Velho Testamento de sua própria época: Jerusalém seria destruída em breve e seus habitantes levados como prisioneiros devido à sua iniquidade. De acordo com Néfi, seu pai foi um dos “muitos profetas” que pregaram essa mesma mensagem. (Ver 1 Néfi 1:4.)³

Mas Leí também aprendeu sobre o ministério mortal do Salvador. Ele teve uma visão na qual viu “Deus sentado em seu trono”, “Um que descia do meio do céu” e “doze outros que o seguiam”. (1 Néfi 1:8–10) Deus é identificado como estando sentado em Seu trono, mas os outros, inclusive aquele “Um” que descia, não são identificados nesse capítulo do registro de Néfi. Leí recebeu um livro e foi-lhe ordenado que o lesse. Nesse livro, ele leu coisas “concernentes a Jerusalém — que ela seria destruída, assim como seus habitantes; muitos morreriam pela espada e muitos seriam levados cativos para a Babilônia”. (1 Néfi 1:13)⁴

Néfi não nos conta mais nada a respeito do conteúdo do livro, mas menciona que seu pai ficou extremamente impressionado com as coisas que viu na visão e leu no

livro. Leí proclamou a grandiosidade do Senhor em não permitir que nenhum dos que se achegassem a Ele fosse destruído. (Ver 1 Néfi 1:14.) Talvez estivesse se referindo ao livramento de sua família da destruição iminente ou ao poder de Deus para salvar-nos do pecado. Quando Leí pregou aos judeus a mensagem que lhe fora revelada na visão, ele salientou duas coisas: Os habitantes de

“Enquanto [Leí] orava ao Senhor, apareceu uma coluna de fogo que permaneceu sobre uma rocha, diante dele; e foi muito o que ele viu e ouviu(. . .)”
(1 Néfi 1:6)





Jerusalém eram iníquos e seriam destruídos, e nas palavras de Néfi, ele “[manifestou] claramente a vinda de um Messias e também a redenção do mundo”. (1 Néfi 1:19) Por causa dessas profecias, Leí foi perseguido, e as pessoas tentaram matá-lo. (Ver 1 Néfi 1:20.)

Além de interpretar o sonho de Leí, a visão de Néfi proporcionou uma perspectiva mais ampla do futuro, especialmente a respeito da missão de Cristo.

O relato feito por Néfi da visão de seu pai deixa-nos ao mesmo tempo perplexos e surpresos. Ele menciona “Um que descia do meio do céu”, embora Sua identidade fosse desconhecida. Embora Néfi claramente soubesse muito a respeito de Cristo na época em que registrou a visão de seu pai, ele foi deliberadamente ambíguo. O registro sugere que Leí não sabia, na época,

quem era aquele “Um que descia”. Essa informação aparentemente foi dada posteriormente por meio de revelação. Foi somente anos mais tarde que Leí começou a ensinar seus filhos a respeito da missão de Jesus. (Ver 1 Néfi 10.)

“LINHA SOBRE LINHA, PRECEITO SOBRE PRECEITO”

O conhecimento de Jesus Cristo não foi revelado a Leí e sua família de uma vez, mas parece ter sido dado “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. (2 Néfi 28:30) O capítulo 10 de 1 Néfi dá-nos uma noção de como foi essa restauração gradual. Nele Leí relata à sua família alguns conceitos que havia aprendido por revelação, em especial em sua visão da árvore da vida. (Ver 1 Néfi 8.) Ao repetir os ensinamentos de seu pai, Néfi utiliza palavras cuidadosamente escolhidas que mostram que Leí estava aprendendo e ensinando preceitos novos. Néfi resume, dizendo: “Sim, seiscentos anos depois de meu pai ter deixado Jerusalém, o Senhor levantaria um *profeta* entre os judeus — um *Messias*, ou, em outras palavras, um *Salvador* do mundo”. (1 Néfi 10:4; grifo do autor.)

No versículo seguinte Néfi menciona “*esse Messias* de que ele havia falado, ou seja, *esse Redentor* do mundo”. (1 Néfi 10:5; grifo do autor.) O poder da Expição de Cristo é apresentado no versículo seguinte pela primeira vez no Livro de Mórmon: “Portanto toda a humanidade



se encontrava num estado de perdição e queda; e assim continuaria, a não ser que confiasse *nesse Redentor*”. (1 Néfi 10:6; grifo do autor.)

Ao utilizar termos como “um Messias”, “esse Messias”, “um profeta”, “um Salvador do mundo” e “esse Redentor” — todos referências óbvias a Cristo — Néfi sugere que ele está apresentando esses conceitos no registro pela

primeira vez. Claramente, o que Leí e seus filhos estavam aprendendo a respeito de Jesus Cristo e Sua missão era algo novo para eles. Néfi, o prudente e sensível historiador, registra o evento com um linguajar cuidadosamente escolhido para sugerir o conhecimento limitado de sua família na época, embora o tenha escrito anos mais tarde.

Após Leí deixar Jerusalém, mais de quarenta anos se passariam antes de a família ficar sabendo o nome do Salvador. Entre 559 e 545 a.C., Jacó, o filho de Leí, foi visitado por um anjo que lhe disse, pela primeira vez no Livro de Mórmon, que o Salvador seria chamado *Cristo*. (Ver 2 Néfi 10:3.) Depois disso, o nome é usado frequentemente, num total de trezentas e quinze vezes no Livro de Mórmon em inglês. Ao mesmo tempo em que Jacó ficou sabendo que o Salvador seria chamado *Cristo*, Néfi soube que Seu nome seria *Jesus*. Néfi escreveu: “(. . .) e de acordo com as palavras dos profetas e também com a palavra do anjo de Deus, seu nome será Jesus Cristo(. . .)”. (2 Néfi 25:19) Começando com essa primeira referência, o nome *Jesus* aparece cento e sessenta e uma vezes no Livro de Mórmon em inglês.

Em 1 Néfi 10, Néfi relata os ensinamentos de seu pai a respeito das experiências mortais do Salvador, começando com a missão de João Batista. (Ver 1 Néfi 10:7–9.) Leí ensinou a seus filhos que o evangelho seria pregado aos judeus, os quais matariam “o Messias que haveria de vir”, após o que Ele ressuscitaria dentre os mortos. (1 Néfi 10:11) Néfi salienta que esse Messias seria “seu *Senhor*” (1 Néfi 10:14; grifo do autor) e também “o *Filho de Deus*” (1 Néfi 10:17; grifo do autor), dando-nos a primeira

referência do Livro de Mórmon dessa importante doutrina.

O TESTEMUNHO DE NÉFI

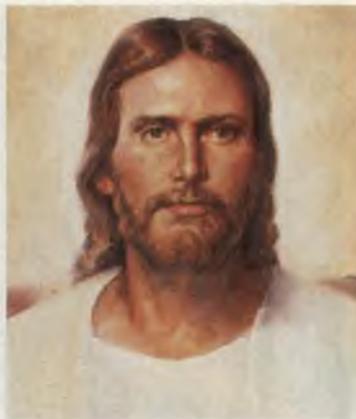
Néfi teve o desejo de ver as coisas que seu pai tinha visto e, em 1 Néfi 11, foi-lhe dada uma visão semelhante da árvore da vida. Além de interpretar o sonho de Leí, a visão de Néfi proporcionou uma perspectiva mais ampla do futuro, especialmente a respeito da missão de Cristo.

A visão de Néfi revela dados importantes a respeito da vida mortal de Jesus entre os judeus na Palestina e Sua visita como ser glorificado aos descendentes de Leí nas Américas. Além das coisas que tinham sido reveladas a seu pai, Néfi ensinou o seguinte: Cristo seria o Filho de Deus, nascido de uma virgem (ver 1 Néfi 11:13–21); Ele ministraria “em poder e grande glória”, abençoando a vida de outros (ver 1 Néfi 11:24, 28, 31); Ele seria seguido por “doze outros” (ver 1 Néfi 11:29); seria “julgado pelo mundo” e morto (ver 1 Néfi 11:32–33); Sua visita às Américas seria precedida por destruição (ver 1 Néfi 12:4–5); Ele desceria do céu (ver 1 Néfi 12:6) e escolheria doze discípulos nefitas (ver 1 Néfi 12:7–10); e três a quatro gerações de retidão se seguiriam à Sua visita. (Ver 1 Néfi 12:11–12.)

O entendimento de Néfi da doutrina de Cristo e Sua Expição é evidente nas palavras que ele escolheu para ensinar sua família. Ele disse que Jesus seria “o Cordeiro de Deus”, que “iria tirar os pecados do mundo”. (1 Néfi 10:10) O termo *cordeiro* coloca o sacrifício expiatório do Salvador no contexto da lei de Moisés, que a família de Leí conhecia muito bem. Cristo limparia os pecados deles oferecendo-Se a Si próprio como sacrifício por eles. Entre 1 Néfi 10:10 e 14:27, Néfi utiliza o termo *cordeiro* cinqüenta e sete vezes referindo-se a Jesus.

O TESTEMUNHO DOS PROFETAS

O conhecimento que Leí e sua família tinham a respeito da missão de Jesus não lhes foi concedido somente



por revelação pessoal e visita de anjos. As palavras dos profetas encontradas nas placas de latão também lhes ensinaram sobre Cristo. Zenoque profetizou que o Senhor seria “levantado” e Neum previu que Cristo seria crucificado. (Ver 1 Néfi 19:10.)

Os escritos do profeta Zenos foram a principal fonte de conhecimento de Néfi a respeito de Cristo.⁵ Neles Néfi

aprendeu que Jesus seria enterrado num sepulcro e que haveria “três dias de trevas que seriam um sinal de Sua morte aos que habitassem as ilhas do mar, mais especialmente aos da casa de Israel”. (1 Néfi 19:10) Além disso, Zenos ensinou que o Senhor “visitará toda a casa de Israel naquele dia”, os justos com Sua voz e os iníquos com Seu castigo (ver 1 Néfi 19:11–12); que os habitantes de Jerusalém “serão açoitados por todos os povos” e dispersados porque crucificaram seu Senhor, mas serão reunidos novamente nos últimos dias quando então O aceitarão. (Ver 1 Néfi 19:13–16.)

Para melhor persuadir seu povo “a acreditar no Senhor, seu Redentor”, Néfi leu-lhes os escritos de Isaías (ver 1 Néfi 19:23) e copiou vários capítulos de Isaías em seu próprio registro.

O TESTEMUNHO DO LIVRO DE MÓRMON

O testemunho de Jesus Cristo que Leí e seus descendentes nos deixaram abençoou a vida de milhões de pessoas e continuará aabençoar muitos mais. Graças ao que Leí e seus filhos aprenderam a respeito do Salvador nos primeiros anos de seu chamado, seus descendentes eram *cristãos*. Seu registro é “Outro Testamento de Jesus Cristo”.

É significativo notar que no início do trabalho do Senhor nestes últimos dias, Ele tenha dado ao mundo um

Jacó, o filho de Leí, foi visitado por um anjo que lhe disse, pela primeira vez no Livro de Mórmon, que o Salvador seria chamado Cristo.

livro contendo um puro testemunho e a doutrina de Cristo. Mesmo antes de restaurar a Sua Igreja, Ele deu-nos o Livro de Mórmon que testifica e ensina a Seu respeito.⁶ Como o Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião, a explicação do evangelho dada a Leí e a seus descendentes também ensina o evangelho para nós. À medida que passamos a compreendê-lo, linha sobre linha como eles fizeram, podemos participar de todas as suas bênçãos. □

NOTAS

1. Embora D&C 84:23–27 nos ensine que o Sacerdócio de Melquisedeque foi tirado de Israel na época de Moisés, o Profeta Joseph Smith ensinou que os profetas de Israel o possuíam. (Ver *Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 175–176.) Isso implica que os profetas também conheciam o evangelho, embora houvesse restrições em relação ao que podiam ensinar ao povo. (Ver Alma 12:9.)

2. Para um resumo das origens e estrutura do Livro de Mórmon, ver Eldin Ricks, *Story of the Formation of the Book of Mormon Plates* (1966), pp. 1–7; ver também S. Kent Brown, *From Jerusalem to Zarahemla: Literary and Historical Studies of the Book of Mormon* (1998), pp. 28–54.

3. Os seguintes profetas foram mais ou menos contemporâneos de Leí: Hulda (ver II Reis 22:14–20), Jeremias, Obadias, Naum, Habacuque e Sofonias.

4. Essa profecia é bastante semelhante aos escritos de outros profetas da geração de Leí. Compare com Hulda em II Reis 22:15–17; Jeremias em Jeremias 5:1–10; Habacuque em Habacuque 1:1–10; Sofonias em Sofonias 1:1–18.

5. Para comentários a respeito da contribuição de Zenos ver Bruce R. McConkie, “The Doctrinal Restoration”, em *The Joseph Smith Translation: The Restoration of Plain and Precious Things*, org. por Monte S. Nyman e Robert L. Millet (1985), pp. 17–18; Bruce R. McConkie, *A New Witness for the Articles of Faith* (1985), pp. 558–559, 563.

6. O Livro de Mórmon foi colocado à venda pela primeira vez em 26 de março de 1830, e a Igreja foi organizada onze dias depois, no dia 6 de abril.





“NÃO ESTOU PREJUDICANDO

Colleen Whitney

John sempre foi um bom irmão para Becky. Agora, sua vida dependia dele.

“É a minha vida! Não estou prejudicando ninguém.”
O que mais deixava as pessoas perplexas era o fato de que John* parecia estar sendo sincero ao dizer isso. A impressão era a de que ele realmente não percebia que estava prejudicando todos ao seu redor.

Obviamente, John amava sua família. Na verdade, ele era extraordinariamente sensível e atencioso. Economizou dinheiro para comprar para a mãe uma estatueta de que ela gostava muito; limpava a garagem para o pai e era constantemente bondoso para com seus irmãos e irmãs, especialmente sua irmã Becky, dois anos mais nova.

John levava Becky à escola quando ela começou a frequentar o jardim da infância, deixava que ela usasse seus bonés de beisebol e ouvia a irmã falar sobre os meninos que ela achava bonitos. No dia em que ela se matriculou na 7ª série, ele mostrou-lhe como abrir seu armário. (N.T.: Nas escolas americanas, cada aluno tem seu próprio armário com chave para guardar seu material escolar.)

Os problemas de John começaram na sétima série quando ele experimentou maconha. Em pouco tempo, mudou para uma série de outras drogas. Apesar das orações da família e dos conselhos do bispo e de terapeutas profissionais, ele continuou a usar drogas. Começou também a ter uma vida notoriamente imoral. “Não estou prejudicando você. Não estou fazendo nenhum mal àquelas garotas. Cada uma delas sabe o que está fazendo. O que fazemos não faz mal a ninguém. Além do mais, tomamos cuidado.”

Toda a família de John continuava a amá-lo e a procurar meios de ajudá-lo. Becky, em especial, era mais

* Os nomes foram trocados.

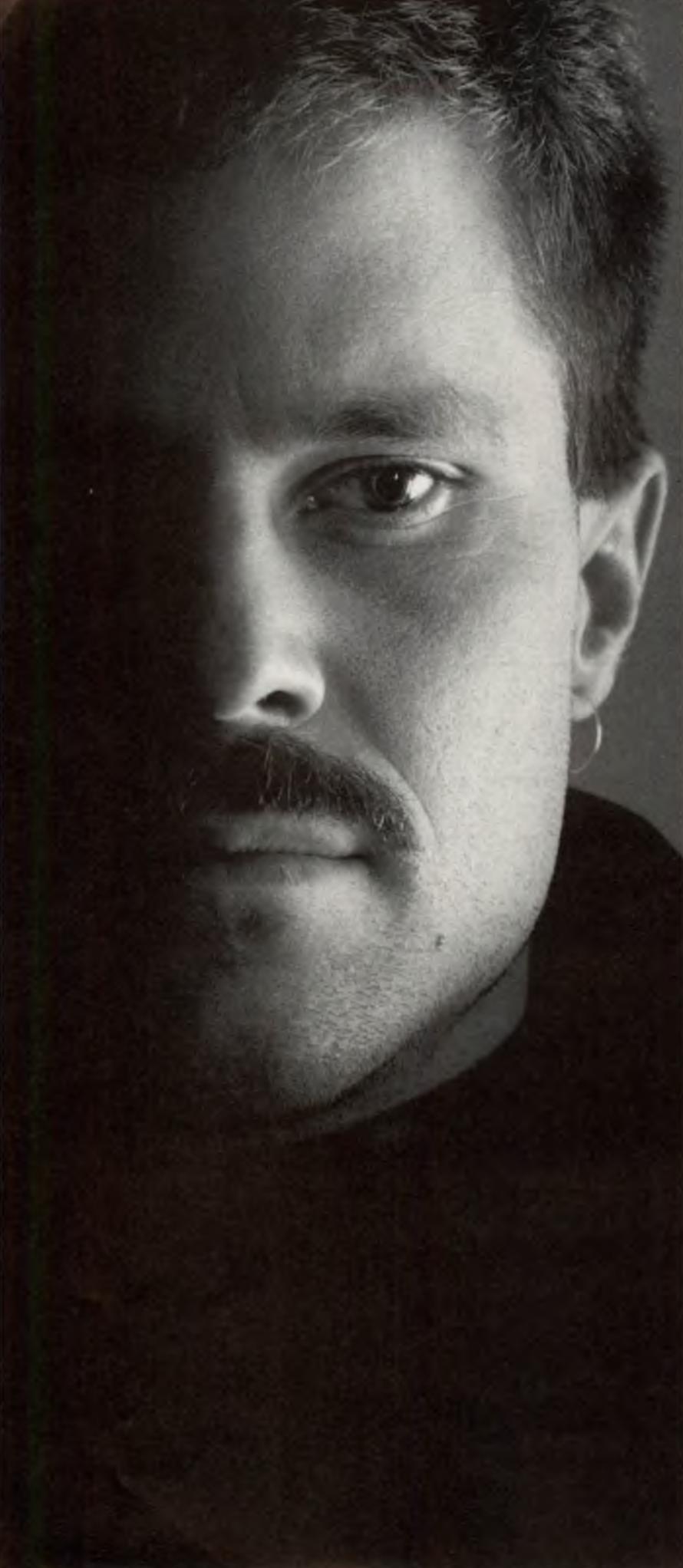
chegada a ele. John também era mais chegado a ela. Quando Becky casou-se com Hal, John imediatamente colocou o braço ao redor do cunhado e disse que sempre estaria pronto para ajudá-los. E sempre estava. Saiu de carro num dia de chuva para ajudá-los a tirar o carro deles do meio da estrada quando o carro parou com defeito; ajudou a limpar a casa quando Becky estava grávida e trouxe pequenas surpresas maravilhosas para os sobrinhos quando eles nasceram. Às vezes, John simplesmente chegava com uma sacola do supermercado, cheia de compras, e preparava o jantar.

De repente, então, Becky precisou de muita ajuda. Num verão, quando ela ficou doente, os médicos descobriram que sua tosse constante não era decorrente de gripe ou pneumonia, mas de câncer. A quimioterapia surtiu pouco efeito.

O câncer estava espalhando-se tão rápido que os médicos disseram que a única chance de Becky era a radiação em doses maciças, porém a quantidade de radiação necessária para matar as células malignas mataria também as células saudáveis do sangue. As células saudáveis poderiam ser repostas por meio de um transplante de medula, mas o doador precisaria ser alguém geneticamente semelhante ao paciente, em geral, um irmão ou irmã. Quando Becky explicou a situação, cada um de seus irmãos e irmãs correu ao hospital a fim de fazer testes de compatibilidade genética.

Poucos dias depois, toda a família foi ao hospital para saber o resultado dos exames. Todos sentaram-se juntos na sala de espera e fitaram ansiosamente o médico quando este caminhou na direção deles com o prontuário nas mãos e um dos cartões azuis que o técnico do laboratório havia feito para cada membro da família.

Quando Hal perguntou se haviam conseguido alguém compatível, o médico disse: “Talvez, sim”. Depois, o médico perguntou quem deles era John. John levantou-se, e



o médico pediu-lhe que o acompanhasse por um momento. Os dois entraram numa pequena sala. Quando voltaram, John sentou-se no canto de um sofá, parecendo arrasado. O médico explicou que John era o único membro da família cujo padrão genético era quase igual ao de Becky. Na verdade, ele era uma combinação excelente, mas não poderia ser doador, pelo menos, não nos próximos seis meses.

O teste sanguíneo de John não apresentou infecções, mas seu histórico de atividade sexual e uso de drogas intravenosas aumentava consideravelmente as chances de ser portador de AIDS. Se estivesse infectado, John poderia passar a doença para a irmã. O médico explicou que não existia um teste para o vírus da AIDS propriamente dito. Apenas os anticorpos produzidos para combater a doença é que podiam ser detectados, e esses levavam seis meses para desenvolver-se. O hospital continuaria procurando uma outra boa combinação para Becky.

Mas Becky não tinha muito tempo; com certeza, não seis meses. Em poucas semanas, o câncer teria-se espalhado tanto que nem mesmo a radiação em doses maciças conseguiria pará-lo, e Becky respirava com muita dificuldade. Um amigo, vendo sua dificuldade em respirar, expressou sua raiva em relação a John. Becky explicou simplesmente: “Eu soube, quando o médico contou-me a respeito dos exames, que o estilo de vida de John não permitiria que ele me ajudasse. Depois, eu o perdoei”.

Hal fez os preparativos para o funeral e tentou explicar aos filhos por que a mãe não poderia mais brincar com eles. Os pais de Becky cuidaram de sua família, que sofreu muito com sua morte.

E John? De certa forma, sua vida mudou. Ainda assim, seus vícios e padrão de comportamento eram tão fortes que ele jamais conseguiu mudá-los completamente, mas faz muito tempo que ninguém o ouve dizer: “Não estou prejudicando ninguém”. □

Auxílios para a Noite Familiar



HERÓI DO MÊS

Ruth Ann Cosby

No início do ano, escolhemos doze “heróis do mês” como temas mensais da família. Então, designamos os membros da família a prepararem noites familiares baseadas nesses heróis. Decoramos uma escritura por mês e participamos de aulas, jogos e atividades que nos ajudaram a aprender mais sobre o herói do mês e seus “poderes”.

Nossos heróis incluíam os seguintes:

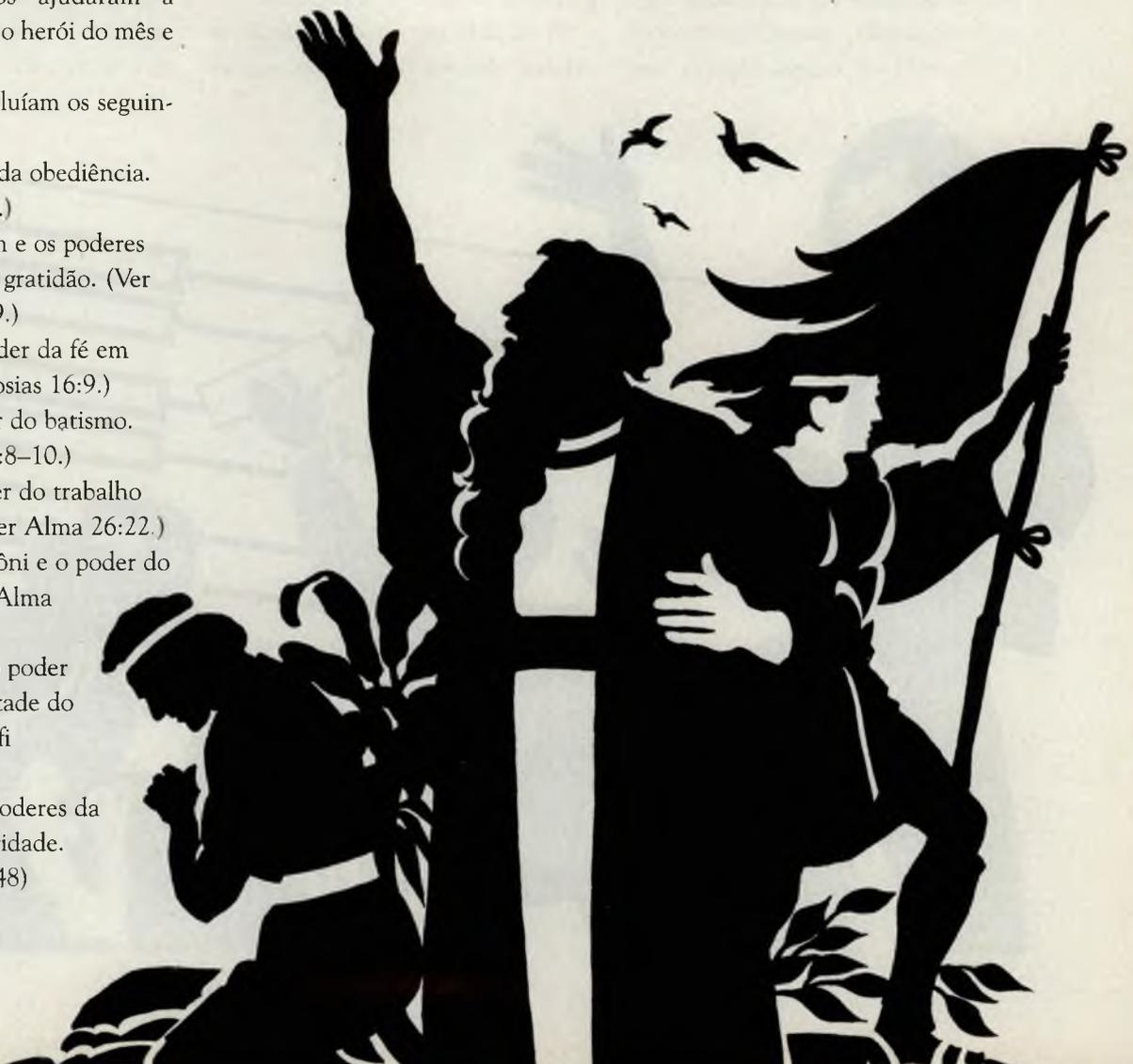
- ◆ Néfi e o poder da obediência. (Ver 1 Néfi 3:7.)
- ◆ O rei Benjamim e os poderes do serviço e da gratidão. (Ver Mosias 2:17, 19.)
- ◆ Abinádi e o poder da fé em Cristo. (Ver Mosias 16:9.)
- ◆ Alma e o poder do batismo. (Ver Mosias 18:8–10.)
- ◆ Amon e o poder do trabalho missionário. (Ver Alma 26:22.)
- ◆ O capitão Morôni e o poder do exemplo. (Ver Alma 48:17.)
- ◆ Jesus Cristo e o poder de fazer a vontade do Pai. (Ver 3 Néfi 27:13–15.)
- ◆ Mórmon e os poderes da esperança e caridade. (Morôni 7:41–48)

◆ Morôni e o poder do testemunho. (Ver Morôni 10:4–5.)

Dividimos cada mês em quatro tópicos separados — mas permitimos que cada um escolha seu próprio tópico, se o preferir. Alguns tópicos do mês cujo enfoque seja Néfi poderiam ser: (1) Néfi segue o profeta; (2) Néfi mantém um registro; (3) Néfi aprende o plano

de salvação; (4) Néfi honra o Pai Celestial guardando os convênios. Também escolhemos um hino ou música da Primária para o mês.

Nossas noites familiares “herói-do-mês” têm sido interessantes, e as crianças têm mostrado grande interesse em estudar sobre esses heróis e seus exemplos.





O JOGO DOS ANTEPASSADOS

Dorine McDaniel

Há muitos anos, tive vontade de planejar uma noite familiar baseada na história da família. Nossos filhos, cujas idades, na época, iam de 9 a 13 anos, tinham apenas uma vaga noção de quem tinham sido seus antepassados, por isso inventei um jogo que nos ajudaria a conhecê-los melhor.

Desenhei um gráfico de linhagem de seis gerações em um grande cartaz, escrevendo o nome das crianças e deixando os outros espaços em

branco. (Deixei preparada uma tabela com os dados a serem preenchidos, para saber como o gráfico ficaria depois de pronto.)

Para cada espaço em branco no gráfico, fiz um cartão separado com o nome completo de um antepassado e algumas informações sobre aquela pessoa. Em um dos cartões, por exemplo, estava escrito: "Ira Walter Gardner. Nasci em 1849 em Sweetwater, Wyoming, enquanto meus pais cruzavam as planícies".

À medida que ia distribuindo os cartões, fui explicando as regras.

Usando as informações contidas nos cartões, cada pessoa devia procurar descobrir onde deveria ser colocado o cartão. A cada rodada, eles poderiam fazer-me perguntas que pudessem ser respondidas com um sim ou não. Enquanto fizessem perguntas cuja resposta fosse sim, poderiam continuar perguntando. Se colocassem o cartão no lugar errado ou fizessem uma pergunta cuja resposta fosse não, teriam que passar a vez para outra pessoa. As crianças aprenderam o jogo rapidamente, e em pouco tempo o gráfico estava terminado.



SÓ MAIS UM

Roger Terry



Naquele dia, o calor estava maior do que o normal em Lüneburg, Alemanha, e o élder Kevin Pepper e eu estávamos cansados. Nosso último compromisso terminara às 21h, e ainda dispúnhamos de meia hora para trabalhar antes de voltar para casa. Já era tarde para bater em portas; assim, pegamos as bicicletas e fomos até o centro comercial da cidade. A maioria das lojas fechara as portas três horas antes e as multidões apressadas que passam por lá durante o dia já estavam bem longe. Havia apenas alguns observadores de vitrines a apreciar a noite, sem pressa para ir a lugar algum.

Descemos da bicicleta e caminhamos lentamente, parando de vez em quando para perguntar aos transeuntes se gostariam de conhecer algo a respeito do evangelho restaurado. Ninguém estava interessado, como era de se esperar. A Alemanha era considerada uma “missão difícil”, com pouquíssimos batismos. Batíamos em muitas portas e abordávamos as pessoas na rua. Elas quase sempre nos tratavam com educação, mas mostravam grande desconfiança em relação a novidades e, na maioria das vezes, não estavam dispostas a cogitar a possibilidade de mudar de religião.

Chegamos à extremidade da rua por volta das 21h25. Já estava na hora de voltarmos para nosso apartamento. Mas encostado em uma parede, quase oculto nas sombras da noite, havia um homem com cabelo e barba rala. Eu e o élder Pepper nos entreolhamos. Estávamos cansados, não tivéramos sucesso naquele dia e percebi que estávamos pensando a mesma coisa. Talvez até um de nós tenha dito em voz alta: “Ele deve ser como o restante das pessoas com quem conversamos hoje. Vamos para casa”. Mas algo dentro de mim disse: “Vá falar com ele”.

Aproximamo-nos do homem e perguntamos se ele sabia algo sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele respondeu negativamente. Gostaria de aprender um pouco a respeito? Ele disse que sim e forneceu-nos seu endereço.

Quando visitamos Alfred Kliche alguns dias depois, descobrimos que ele era bem diferente da maior parte das pessoas com quem tínhamos contato. Ele era mais reservado e sério do que a maioria, mas também tinha a mente mais aberta. Ele estava em busca de algo. Como ele mesmo disse posteriormente: “Eu estava querendo conhecer outras pessoas que, como eu, não tinham perdido

a fé em Deus”. Ele mostrou-nos um livro de uma religião oriental que estava lendo. Ensinamos-lhe a respeito de Joseph Smith e demos-lhe um de nossos livros. Ele aceitou-o com uma curiosidade discreta e disse que o leria.

Sáímos daquela primeira palestra sem saber muito bem o que pensar de *Herr* (Senhor) Kliche. Pessoalmente, eu duvidava que ele leria o livro. Meu primeiro ano na missão, sem batismos e repleto de decepções, deixara em mim uma marca profunda. O que eu já vira da “realidade” era o suficiente para diluir minhas esperanças com uma boa dose de cepticismo. Mas *Herr* Kliche convidou-nos para voltar, e quando o fizemos, ele disse-nos que lera boa parte do Livro de Mórmon. Informou-nos que gostara principalmente dos capítulos de 2 Néfi que faziam citações de Isaías. Nos meus dez meses na Alemanha, ninguém jamais dissera isso. De fato, não me lembro de ter ouvido algo assim nos 23 anos que transcorreram desde aquela época.

Ensinamos *Herr* Kliche durante todo o mês de julho, que foi mais quente que de costume, e as visitas prolongaram-se até agosto. Seu progresso foi lento, porém constante, mas ele não demonstrava pressa para fazer mudanças permanentes em sua vida. O élder Pepper e eu não conseguíamos compreender a luta interior que ele estava travando. Ele era indecifrável como o livro de religião oriental que nos mostrara.

Então, certo dia, no início de agosto, recebi uma carta do escritório da missão. Eu estava sendo transferido. O élder Pepper e eu tínhamos alguns bons pesquisadores naquela época, e foi difícil deixá-los. Fiquei a perguntar-me o que iria acontecer. Contudo, ao dedicar-me de corpo e alma a uma nova área e um novo grupo de pesquisadores e membros, toda a minha atenção voltou-se para lá e não tive mais tempo de pensar em Lüneburg.

No entanto, várias semanas após a transferência, recebi um telefonema do élder Pepper. Ele informou-me que *Herr* Kliche iria batizar-se no dia 16 de outubro e desejava que eu estivesse presente. Como eu simplesmente fora transferido para o outro lado da estaca Hamburgo, nosso presidente de missão permitiu que eu assistisse ao batismo.

O élder Pepper disse-me por telefone que *Herr* Kliche progredira de modo lento e constante no decorrer do ensino, mas no fim os surpreendeu completamente. Os



missionários haviam-no desafiado a batizar-se em 21 de setembro, e ele aceitara. Mas em 28 de setembro, ele ainda tinha dúvidas. Achava que recebera um testemunho, mas queria ter certeza. Então, alguns dias depois, tudo pareceu desmoronar. *Herr* Kliche disse aos missionários que não estava mais interessado em receber suas visitas. O élder Pepper e o élder Hardy ficaram arrasados. O que haviam feito de errado? O que poderiam fazer?

Mas em 3 de outubro, algo inesperado aconteceu. O élder Pepper registrou em seu diário: "*Herr* Kliche veio à Igreja hoje de manhã. (. . .) O Espírito estava tão forte que todos na pequena capela podiam senti-lo, principalmente *Herr* Kliche. Ele sentou-se sozinho na segunda fileira à esquerda. (. . .) Com lágrimas nos olhos, levantou-se e prestou testemunho. O sol brilhava através das grandes janelas e um raio de luz pareceu incidir

O sol brilhava através das grandes janelas e um raio de luz pareceu incidir diretamente sobre ele no momento em que prestou seu testemunho simples e belo.

diretamente sobre ele no momento em que prestou seu testemunho simples e belo, com grande sinceridade. Ele disse que se sentia realizado na Igreja e que esperava tornar-se membro logo. Cerca de sete semanas antes, ele estava pronto a desistir de sua busca da verdade; dizia que não via razão para mudar de Igreja, pois todas eram praticamente iguais. E agora o Espírito da Verdade ajudara-o a ver a diferença e ele queria batizar-se. Fiquei tão emocionado que mal pude conter a alegria interior que sentia. Vou sempre me lembrar do dia de hoje como uma data especial e marcante."

Ironicamente, quatro dias depois, o élder Pepper foi transferido para Kiel e não pôde assistir ao batismo. Mas em 16 de outubro de 1976, meu companheiro e eu pegamos o metrô para Hamburgo, dirigimo-nos à sede da estaca e lá assistimos ao batismo de Alfred Kliche, um acontecimento raro e gratificante no decurso de uma missão difícil. Mantive o contato com *Bruder* (irmão) Kliche ao longo dos anos. De fato, a conversão dele, por ter sido tão completa e duradoura, tem sido motivo de grande alegria para mim.

O pequeno ramo de Lüneburg foi fechado alguns anos depois do batismo de *Bruder* Kliche e seus membros passaram a pertencer à ala de Hamburgo. *Bruder* Kliche, sempre firme no evangelho, já serviu no bispado e no sumo conselho da estaca. Casou-se com uma excelente membro da Igreja e, depois de alguns anos, serviram juntos como missionários no templo. "Estou aqui para servir ao Senhor", ele escreveu-me recentemente, "e para progredir. Somos muito gratos pelo tempo que despendemos em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

Ao olhar para trás e pensar naquela quente noite de julho de 1976, alegro-me porque eu e o élder Pepper não estávamos cansados demais para falar com só mais um filho de nosso Pai Celestial. Quase não o fizemos, e isso me serve de lição, algo que jamais esquecerei. Se tivéssemos dado o trabalho por encerrado alguns minutos antes, que grande perda seria — para nós, para a Igreja e, acima de tudo, para *Bruder* Kliche. □



A Família de Leí Acampada na Terra Prometida, de Gary L. Kapp.

“E aconteceu que depois de havermos navegado pelo espaço de muitos dias, chegamos à terra da promessa; e descemos à terra e assentamos nossas tendas; e chamamo-la de terra da promessa.” (1 Néfi 18:23)



“Para Lei, o Senhor restaurou o evangelho em sua plenitude, e nós, os leitores do Livro de Mórmon, somos abençoados pelo que ele e sua família aprenderam e registraram.” (Ver “O Testemunho de Cristo Prestado por uma Família”, página 32)



20983059